

AMPLITUDE

Ano 01 — Número 01 — Agosto 2015

Revista Cristã de Literatura e Artes

CINEMA:

Entrevista com
Veronica Brendler,
Idealizadora do
Festival Nacional
De Cinema Cristão

ARTES

PLÁSTICAS:

Rafaela Senfft

A Poesia de
George Herbert

HQ:

Pobre Maria,
de Marcelo Bittencourt

CONTOS:

Célia Costa

Hêzaro Viana

J.T.Parreira

Joanyr de Oliveira

Judson Canto

Margarete Solange Moraes

Rosa Jurandir Braz

Sammis Reachers

ENSAIO: Uma ética pré-cristã em Píndaro, por J.T.Parreira

AMPLITUDE é uma revista de cultura evangélica, com foco principal em ficção e poesia. Mas nosso *leitmotiv*, nosso motivo de ser e de existir, é a arte cristã em geral: Transitamos por música, cinema, fotografia, artes plásticas e quadrinhos. Publicamos artigos, estudos literários, crônicas e resenhas.

Nossa intenção diz respeito àquela despreziosa excelência dos humildes. Nosso porto de partida e porto de chegada é Cristo. Nosso objetivo é fomentar a reflexão e a expressão, AMPLIAR visões, entreter com valores cristãos, comunicar a verdade e o belo e estimular o engajamento artístico/intelectual entre nossos irmãos.

Nosso preço é nenhum: a revista circula gratuitamente, no democrático formato pdf.

COLABORE:

Será uma felicidade ter você como um colaborador de AMPLITUDE. Envie-nos seu material para avaliação (conto, crônica, artigo, estudo literário, trabalho em artes plásticas ou fotografia artística, resenha ou crítica de filmes, livros ficcionais ou poéticos e (boa, *per favore*) música cristã/evangélica, JUNTAMENTE com breve biografia.

Envie também notícias sobre eventos artísticos, lançamento de livros e quaisquer notas culturais envolvendo arte/artistas evangélicos que você julgar relevantes.

E escreva-nos ainda para prosear, indagar, criticar, elogiar...

Nossos e-mails:

revistaamplitude@gmail.com

sammisreachers@ig.com.br

Facebook:

www.facebook.com/RevistaAmplitude

Blog:

www.revistaamplitude.blogspot.com.br

Editor: Sammis Reachers

SUMÁRIO

Revista Amplitude - Ano 01 - Número 01 - Ago 2015

Editorial	03
Poesia	04
Jardim dos Clássicos: George Herbert	05
Conto: Você aceita esta Flor? / Rosa Jurandir Braz	06
Entrevista: Veronica Brendler	08
Conto: Uma mensagem imprópria / Judson Canto	11
Poesia	13
Conto: Os Pronomes / J.T.Parreira	14
Conto: Um outro começo / Célia Costa	16
Galeria (Artes Plásticas): Rafaela Senfft	17
Conto: A catequese ou Feliz 1953 / Joanyr de Oliveira	19
Hot Spots: Kierkegaard	21
HO: Pobre Maria / Marcelo Bittencourt	22
Conto: Filhos da Pobreza / Margarete Solange Moraes	30
<i>Notas Culturais</i>	32
Artigo: A arte moderna e a cosmovisão cristã / Rafaela Senfft	33
Conto: Degelo / Sammis Reachers	36
Poesia	41
Ensaio: Uma ética pré-cristã em Píndaro / J.T.Parreira	42
Poesia	44
Conto: Por Amor / Hêzaro Viana	45
Resenhas	56
Parlatorium	57

Capa: Rembrandt, *Tempestade no Mar da Galiléia*, 1633.

EDITORIAL

AMPLITUDE, revista cristã de literatura e artes, nasce como um espaço inter ou não-denominacional aberto à criação daqueles que por tanto tempo foram silenciados pela visão oblíqua e deturpada do velho status quo que via nas expressões artísticas algo menor, indigno ou mesmo inútil ao cristão ou à igreja. Um fórum para os que tem-se visto alienados de veículos de expressão, de formas de publicar/expor/comunicar, de interagir entre pares, e para além dos pares.

Esta revista nasce com dois anos de atraso, desde a gestação da ideia de uma revista dedicada fundamentalmente à nossa literatura, em conversações com o poeta e escritor lusitano J.T.Parreira. Porém, projetos outros impediram naquele momento a concretização da ideia.

Como a focalização de nossas lentes recai fundamentalmente sobre a ficção e a poesia, esta edição inaugural chega com força total: são oito contos. Na poesia, contamos com nomes consagrados como o próprio J.T.Parreira, Israel Belo de Azevedo, Joanyr de Oliveira, Gióia Júnior e outros, aliados a novos nomes de excelente produção.

O anglicano George Herbert, uma das figuras centrais dos assim chamados poetas metafísicos ingleses, inaugura a seção Jardim dos Clássicos.

Marcelo Bittencourt apresenta sua história em quadrinhos *Pobre Maria*, encantando com seu texto e sua arte.

Na seção de entrevistas, iniciamos com Veronica Brendler, idealizadora do Festival Nacional de Cinema Cristão.

As artes plásticas são contempladas na seção Galeria, que abre suas portas com a obra de Rafaela Senfft, que também comparece com o artigo *A arte moderna e a cosmovisão cristã*.

E vamos aos contos: O saudoso Joanyr de Oliveira, verdadeiro patrono da (boa) literatura evangélica, faz-se presente com o conto *A Catequese ou Feliz 1953*, onde o autor revisita os porões da ditadura brasileira, inspirado em eventos autobiográficos. J.T.Parreira comparece relatando sobre as crises ontológicas de Pedro, em *Os Pronomes*; e ainda o fino humor de Judson Canto em *Uma mensagem imprópria*; um singelo conto de Rosa Jurandir Braz, *Você aceita esta Flor?*; Célia Costa com o brevíssimo *O que poderia ter sido*, sobre o que poderia ter sido naquele Jardim de possibilidades; Margarete Solange Moraes com o pungente *Filhos da Pobreza*; este humilde escriba comparece com um conto de ficção científica, *Degelo*, ambientado em futuro(s) distópico(s); e Hêzaro Viana, fechando a edição com um forte e terno conto, *Por Amor*, em 12 páginas de ótima prosa.

Confira ainda as seções: *Notas Culturais*, com pequenos flashes sobre o que rola na cena cultural cristã (e fora dela); *Hot Spots*, abarcando a cada edição citações da obra de um grande autor; *Parlatorium*, com citações diversas de autores de ontem e de hoje; e *Resenhas*, abarcando livros, música, cinema et al.

Amplitude está aberta a colaborações nos mais diversos campos artísticos. Leia na página anterior, ao lado do Sumário, sobre como tornar-se um colaborador.

Bem, agora que o editor *doublé* de faz-tudo já leu, pesquisou, digitou, corrigiu, revisou, contatou, diagramou, divulgou, alegrou-se e também aborreceu-se (afinal uma primeira edição é assim, e afinal uma revista é assim!), para trazer à existência esta publicação, resta a você a melhor parte, leitor: Relaxar sua mente e mergulhar na (fruição de) AMPLITUDE.

Até a próxima edição, se Deus quiser!

Sammis Reachers, *editor*

Deus da Arte

Marvin Cross

Foi Deus que fez a arte
Essa que eu uso, desuso e abuso
Essa arte que me faz saltar de uma nuvem à outra
Essa arte que nas veias corre solta

Foi Deus que cantou a canção
Na qual encontrei amor, força e perdão
Segunda e terceira chance de redenção
Deus aquarelou esse mundo nosso de cada dia

É de Deus que vem toda inspiração
Onde prevalece a doçura das poesias
O dom dos sons, em fúria ou calmaria
A tecelagem cerebral das ideias, até mesmo as confusas

Somos imagem e semelhança do Mestre das Artes
Um Deus criativo, multiforme, de toda versatilidade
Deus que do barro fez da arte um milagre
Que respira, caminha, pensa e... faz arte

Foi Deus que acendeu a chama genial
O pulsar de teus atributos que ninguém tem igual
Foi Deus, esse mesmo que os mares fez
E pôs a arte transbordando entre vocês

MAGNIFICAT

J.T.Parreira

Eu quero este filho que o céu plantou
No meu ventre, que desceu ao mesmo tempo
Que as palavras do anjo, com a agitação
Da luz nas cortinas no meu quarto
Ele terá o andar de Deus quando pisou o Éden
Terá o andar de Deus sobre a terra, terá nas mãos
E nos pés todo o poder
Pela força clara do sangue que virá
Da sua grande ferida
Eu quero este filho, que o meu ventre
Virgem já enlaça, humilde ventre entre as mulheres
Ele encherá de alegria as multidões
Entre o silêncio e a agonia.

POEMA-BORBOLETA

Josué Ebenézer

Meu poema ganhou asas
voando leves palavras
mais leves que o vento
tão livres como pensamento
que não pode ser contido.

Meu poema, borboleta,
uma viagem de lambreta
vento sul a bater no rosto.
Poema que não se caça
se domestica em casa.

Meu poema, magra ideia,
querendo muito engordar.
É poesia latente
que voa do coração crente
praquele que fez sonhar...

O MEU VALOR MAIOR

José Britto Barros

Baseado numa declaração de Teresa de Jesus

Não me motiva, Cristo, a adorar-Te
O quanto me ofereces por bondade!
Pelo que és, Jesus, eu hei de amar-Te
Na terra ou céu, e com fidelidade!

Mesmo por mim não te quiseras dar-Te,
Ou não remirias Tu a humanidade,
Ó meu Jesus, eu sempre iria honrar-Te
Pelo que és: total grandiosidade!

Eu amo a Ti, meu Cristo do Calvário,
No Teu tudo grandioso, extraordinário,
E o só querer-Te é o que me faz melhor!

Mesmo que ao céu não fora eu ter contigo,
Eu só te amar, ó meu Senhor, consigo,
Da minha vida és o valor maior!

Haikai (para o Bom Pastor)

J.T.Parreira

A ovelha perdida
Tem jubiloso redil:
O olhar do pastor.

Jardim dos Clássicos

George Herbert

A Polia

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Amor

Quando Deus Pai criou o homem,
Tendo um jarro de bênçãos ao seu lado,
Disse: Vamos verter o que aqui se contém
Sobre ele; e que o tesouro do mundo, espalhado,
Nele contraia-se bem.

Primeiro, a força derramou,
E a beleza, o saber, honra e prazer;
Com quase tudo conferido, Deus parou;
Mas no fundo do jarro Ele podia ver
Que só o sossego restou.

Mas se esta preciosidade
Dou-lhe também, disse, não a mim ele há de
Adorar, mas meus presentes; na natureza
Repousando, não em mim, Deus da natureza –
Perda de ambos, na verdade.

Goze do resto, seu quinhão,
Mas mantenha-se sempre insatisfeito,
Seja rico, mas inquieto, pois desse jeito,
Se a piedade não o traz a mim, a inquietação
Vai atirá-lo em meu peito.

Redenção

Colono que fui de rico senhor,
Sem prosperar, resolvi ser audaz –
Pedir um novo contrato, capaz
De mais vantagens que o anterior.

Procurei-o no céu, sua morada;
Disseram-me que tinha viajado
Até uma terra que havia comprado
Caro, outrora. A posse ia ser confirmada.

Voltei; como convinha à sua linhagem,
Procurei-o em cortes, paços, salões,
E eis que, ouvindo risadas de ladrões
E assassinos, em bulhenta carnagem,

Ali o vi, e Ele percebeu:
“Pacto concedido”, disse – e morreu.

O Amor deu-me boas-vindas: minha alma recuou,
Coberta de culpa e pó.
Mas des’que ali entrei o Amor me observou
A hesitar, arisco e só.
Então, gentil, aproximou-se perguntando
Se algo me estava faltando.

“Sim, um conviva mais digno de aqui estar.”
E o Amor diz, “Ei-lo a meu lado”.

“Eu! Pois se nem me atrevo a ti erguer o olhar –
Ruim, ingrato... Ah! meu amado!”

O Amor tomou-me a mão, sorrindo, e rebateu,
“Quem deu-te olhos, senão eu?”

“Sim, Senhor, mas os turvei; e em culpa me irei
Aonde mereço ir.”

“Mas tu não sabes que tuas culpas resgatei?”
“Fico então para servir.”

“Senta-te aqui, prova minha ceia”, ordena o Amor –
Então sentei-me e comi.

George Herbert (Inglaterra 1593 – 1633) foi um poeta, orador e sacerdote anglicano. Seus poemas foram publicados postumamente. Filiado à corrente dos assim chamados poetas metafísicos ingleses, da qual foi considerado uma figura central, por sua popularidade e influência, além da versatilidade técnica e do poder devocional de sua poesia. Após exitosa carreira acadêmica (foi orador da Universidade de Cambridge), Herbert voltou-se para sua vocação sacerdotal. Foi sacerdote dedicado às necessidades espirituais e materiais das ovelhas de sua paróquia, a pequena igreja de St. Andrews (Salisbury), onde serviu até o fim de sua vida. Outro poeta inglês, Charles Cotton (1630 – 1687), o definiu como “uma alma composta por harmonias.”

Você aceita esta Flor?

Rosa Jurandir Braz

Luz nasceu com aquela esplendorosa flor recendendo em seu peito. Seu pai achava que a palavra mais bela deste mundo, a palavra primeira, era Luz, por isso lhe deu este nome.

Era um bebê tão pequenino; mas devia chamar-se Luz. E foi a noite e a manhã do seu primeiro dia.

Quando Luz começou a fixar o olhar, notou-se que havia um brilho muito especial naqueles olhos. Dai, quase que deu para compreender porque se chamara Luz.

Depois, quando Luz começou a falar, todos estavam de acordo que havia um "algo mais" de meiguice e candura naquela voz. A doçura inexplicável de suas palavras, aliada a uma sabedoria incompreensível para tão tenra idade, deixava a todos perplexos.

Sua mãe pensava consigo mesma: "Bem que seu nome também poderia ser "Paz". Porém, ficava calada: guardava aquilo em seu coração.

Luz se desenvolvia rapidamente.

Agora, já era capaz de fazer perguntas, às vezes bastante embaraçosas. Um dia, Luz foi para a vovó, e lhe perguntou: "Aceitas a minha flor, vovó?"

A vovó sorriu e balançou a cabeça, assentindo. Mas ficou pensando: "Não te compreendo, criança! Não consigo compreender-te!"

Então, Luz foi aos outros parentes, depois aos vizinhos, aos seus coleguinhas, a tantos quanto pôde achar e, com a mesma ternura na voz e no olhar, indagava: "Você aceita a minha flor? Quer partilhá-la comigo?" Mas ninguém respondia palavra, pois ninguém

conseguia desvendar aquele mistério.

Só mamãe entendia Luz. Quer dizer, mamãe e papai. Ou melhor, quase o entendiam. Eles sempre lhe respondiam: "Sim, filho, sim!" E Luz sabia que de fato eles aceitavam e reverenciavam a sua flor se bem que sem compreendê-lo ainda por completo.

Bem... Um dia Luz deixou de ser criança. Tornou-se um jovem forte e belo, de boa estatura, compleição atlética e um rosto trigueiro e másculo. Mas o que mais chamava a atenção no rosto de Luz era ainda e sempre aquele incrível par de olhos a refletir tão serenamente toda a beleza de sua flor...

Sua mãe olhava com ternura para ele e, com profunda admiração, pensava: "Tão lindo, o meu primogênito! E tão bom!"

A flor no peito de Luz crescera desmesuradamente; já quase não cabia em seu lugar.

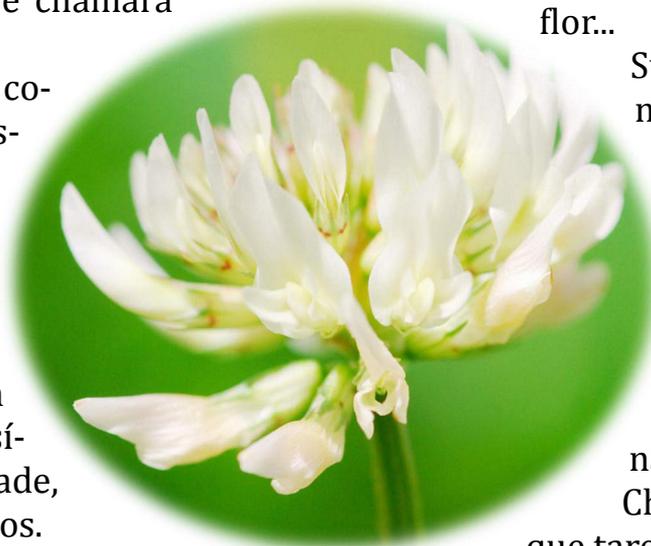
Chegou a hora de saber a que tarefa o moço se dedicaria.

Será que iria conservar a profissão de seu pai?

Mas todos ficavam conjecturando: "Com este olhar, com esta voz tão convincente e com tal agudeza de espírito, Luz poderia facilmente dominar o mundo! E que mundo bom de viver seria esse sob o comando de Luz!"

Para espanto de todos, Luz não escolheu a profissão do pai e nem tampouco ser um grande político, um dominador universal. Preferiu ser um professor ambulante que ensinava de graça a ciência maior; um andarilho discursador de voz pausada e mansa...

Sabia que seria, sim, o conquistador do mundo inteiro, mas um dia, paulatinamente, e com aquela única arma de que dispunha: o suave perfume de sua flor miraculo-



sa.

A hora tornava-se imprópria. Já ninguém queria ouvir falar de amenidades. Se Luz não ia ser o dominador que desejavam, já na nada do que dissesse poderia interessar-lhes!

A essa altura, a flor no peito de Luz havia crescido de tal modo que já não podia carregá-la sem ajuda. Urgia reparti-la. Era mister partilhá-la com outras pessoas. Precisava continuar a oferecê-la...

Luz intensificou suas caminhadas. Caminhou... caminhou... caminhou muito.

Certo dia, seus pés incansáveis, já inchados de tanto andar pelas estradas poeirentas, levaram-no a uma praia semideserta, à beira de um grande lago. Ali estavam dois jovens pescadores que, quando viram Luz, não conseguiram desprender dele o olhar, enquanto se perguntavam: "Quem é este? De onde veio? O que ele quer?"

Luz não lhes fez a pergunta costumeira: "Aceitas minha flor?" Mesmo porque eles não iriam entender. Ninguém jamais entendera. Ademais, chegara a hora de ser categórico, a fim de cumprir a sua singular tarefa de dividir aquela inigualável flor, para que ela se multiplicasse até que o seu perfume se espalhasse por todo o mundo. Assim, Luz lhes disse simplesmente: "Eu vos escolho para que compartilheis minha flor comigo! Sede meus amigos!" Ao ouvirem aquela voz, os dois moços adquiriram a plena convicção de que nunca mais haveriam de querer tanto alguma coisa, quanto partilhar aquela espantosa flor que de tal modo cativava. E os três partiram, levando a flor pelo caminho, Foi quando mais dois, mais um, e outros mais foram convidados a juntar-se ao grupo. E, então, já eram treze a respirar e a viver aquela beleza de flor. Que alegria para Luz! Uma dúzia de amigos, cada qual mais embevecido com o aroma de sua Maravilha!

Tudo ia muito bem, agora.

Mas... (em cada vida, neste mundo, há sempre um "mas") de repente, um dos

amigos de Luz cansou-se do peso, da cor e do aroma de sua pétala, digo, da sua parcela. Fez-se mau e, como Caim, sua alma enegreceu de inveja e egoísmo: se não podia ser o Sol, simples Lua é que não queria mais ser! Com raiva, arrojou a sua pétala ao chão, pisoteando-a, magoando-a, ferindo-a de morte. Ao ver a sua linda flor assim tão duramente atingida, Luz entristeceu-se tanto, que esgueirou-se silenciosamente e foi chorar sozinho num jardim escuro e frio. Em seguida, veio, despediu-se de seus amigos, encaminhou-se ao centro da cidade e espontaneamente se deixou executar no lugar de uma súcia interminável de malfeitores que o Grande Juiz havia sentenciado à morte.

Ao morrer (Luz morreu de pé!), assim, tão horripelantemente humilhado e ultrajado, tão profundamente triste por ver sua linda flor ser rejeitada e ofendida daquele modo, esclareceu-se, afinal, aquele grande enigma. E, ao pender sua cabeça sobre o peito, já sem forças, Luz pôde ver que, da seiva daquela incompreendida flor que brotava do seu próprio coração, fluía uma cascata de novas e fulgurantes pétalas, ainda mais vivas e vibrantes, tanto mais intensamente rubras e luminosas, quanto mais perfumadas e atraentes...

Essa fragrância, amigo, a mais gloriosa de toda a eternidade, e que vem se espalhando a todos os quadrantes da terra, chega hoje até você. E até hoje Ele continua perguntando com o mesmo carinho: "Você aceita a minha flor?"

De aceitá-lo ou não, dependerá o seu eterno destino!

Do Livro *Frutos para o meu Amado* (CPAD)

Rosa Jurandir Braz é escritora e poeta. Autora de *Frutos para o meu Amado*, *Flores de Minh'Alma*, *O Menino que visitou o Céu* e *A História de Jasmim*.

Crédito imagem: Antonio . Licença CC
<https://www.flickr.com/photos/montuno/>

ENTREVISTA:

Veronica Brendler



Inaugurando nossa seção de entrevistas, AMPLITUDE realizou uma entrevista com Veronica Brendler, produtora cultural, idealizadora do Festival Nacional de Cinema Cristão, militante de primeira hora e grande promotora do cinema cristão nacional. Conheça um pouco da biografia de Veronica:

Veronica Brendler é formada em Teologia com Licenciatura em Missões pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida e frequenta a Igreja Bola de Neve. Cineasta, Produtora Cultural e Assessora de Imprensa. Fez teatro na Escola de Teatro Macunaíma, Produção Cultural e Designer de Produção em Cinema. Iniciou na TV brasileira em 1993, trabalhou 4 anos para o programa “Jô Soares Onze e Meia” e em 7 novelas da Rede Record, Rede Globo e SBT.

Realizou 11 Workshops Culturais e aprovou mais de 80 projetos culturais nas Leis de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet) e ANCINE. Fez assessoria de Imprensa para os espetáculos teatrais “O Oco do Toco”, “Comédia no Ventilador”, “Festival Eletro” com Andy Hunter – Inglaterra (Trilha Sonora do Filme Matrix), Atualmente faz assessoria de imprensa para o Cinema Cristão. Organiza as Oficinas de Cinema Cristão (20 cursos). Roteirista e Diretora de Produção do Filme “O Reencontro do Amor”. Realizou a 1ª Mostra de Cinema Cristão em 2012, e 30 Encontros de Cineastas Cristãos, onde participaram mais de 1.500 profissionais da arte. Diretora do Festival Nacional de Cinema Cristão (FNCC).

Como teve início sua paixão pela Sétima Arte?

Sempre gostei muito de ver filmes, a ponto de querer abrir uma locadora. Comprava filmes, livros que falavam sobre os atores, as sinopses. Como já trabalhava em novelas, em TVs, no teatro, sabia que o cinema era bem mais complexo, mas muito estratégico.

E o despertar em relação ao cinema cristão, como se deu?

Em 2007 quando morava em São Paulo, visitei uma exposição de fotos, quando o Espírito Santo falou muito comigo, pra fazer Mostras e Festivais de Cinema Cristão. Logo em seguida fiz o 1º curso de Designer de Produção (Direção de Arte) pra conhecer a Sétima Arte e nunca mais parei de estudar. Na época as pessoas diziam, vamos ver um filme gospel ou filme evangélico... Como a proposta sempre foi de evangelizar, quebrar paradigmas e alargar as estacas implantamos o nome Cinema Cristão que emplacou muito rápido.

Sou muito feliz pelo chamado de Deus em levar o Cinema Cristão aos 4 cantos da terra! Produzimos o filme *O Reencontro do Amor* que tem a proposta de restaurar casamentos. O filme é muito exibido por lideranças em cultos e Encontros de Casais no Brasil e exterior. Já são inúmeros os testemunhos de famílias restauradas.

Como você avalia o panorama atual do cinema cristão no Brasil? E o panorama mundial?

Em 2012 quando realizamos a 1ª Mostra de Cinema Cristão no Brasil, recebemos muitas inscrições de curtas. As pessoas filmavam e subiam os filmes no canal do Youtube pra evangelizar e serem vistos pelo público, mas muitos eram de pouca qualidade. Em 2013 realizamos a 1ª edição do Festival Nacional de Cinema Cristão – FNCC na Rede Boas Novas de Televisão com 14 categorias de longas, médias, curtas, documentários, melhor clip e a qualidade dos filmes já foi melhor. A 2ª edição do FNCC realizamos no Teatro Ipanema, recebemos filmes com uma qualidade técnica bem melhor que do ano anterior. Já para a 3ª edição, que será realizada em novembro, recebemos 90 inscrições de filmes nacionais e estrangeiros com uma qualidade superior. Temos que melhorar muito ainda, mas a diferença é absurda, pra melhor!

Acontecem mais de 40 festivais de Cinema Cristão no mundo e tem muita gente produzindo. De 5 anos pra cá melhorou muito o Cinema Cristão. Os filmes americanos disparam na frente com *Desafiando Gigantes*, *Corajosos*, *Deus Não Está Morto*, *À Prova de Fogo*, entre outros. Sem esquecer-se de Mel Gibson que foi muito feliz na produção do *A Paixão de Cristo*, através do qual até mulçumanos se converteram.

Quais eventos já foram realizados? E fale-nos um pouco mais do Festival.

O FNCC que está em sua 3ª edição é um evento anual no estilo de tapete vermelho e esse ano além da Noite de Premiação, conta com mais dois dias de Mostra de Cinema com exibição de filmes, palestras e mesa redonda. A cantora e cineasta Mariana Ava da Sony Music irá trazer o modelo de produção de filmes americanos. Já estão confirmados, Nixon Alves da RioFilme, Megg Santos da Rede Globo, o crítico de cinema Maurício Zágari (também autor da Editora Mundo Cristão), a cantora Cristina Mel, entre outros.

Realizamos 30 Encontros de Cineastas Cristãos no Rio de Janeiro, Campinas e Curitiba com a participação de mais de 1500 profissionais e atualmente estamos realizando as Oficinas de Cinema Cristão e implantando o Cine Cristão nas igrejas.

Recentemente, filmes como o argentino *Poema de Salvação*, o americano *Deus Não Está Morto* e o nacional *Metanoia* levaram bons públicos aos cinemas, extrapolando de certa maneira o nicho 'evangélico'. Como você avalia essas conquistas? Acredita que esse é o caminho?

É tudo o que nós queremos! “Extrapolar” mesmo. Estamos no caminho certo e já estamos chamando atenção de distribuidoras do secular e público não cristão. Ninguém quer ver um filme mal feito. O que faz o segmento crescer é a qualidade técnica e a técnica trabalha em favor do Reino.

Fale-nos sobre o Prêmio Nacional do Cinema Cristão.

O Prêmio principal é a estatueta folheada a ouro, doada pelo produtor musical Moses Gomes que também cuida da trilha sonora do Festival. Nas outras edições, cada filme vencedor ganhava a estatueta e o valor de R\$ 1 mil reais. Esse ano teremos outros prêmios. Aguardem!



Que conselhos você daria aos aspirantes e iniciantes que desejam engajar-se na produção cinematográfica cristã?

Estudem, estudem, estudem muito! O cinema é complexo, não dá pra sair com uma câmera na mão e achar que vai produzir um bom filme. Vai é 'queimar' o nosso filme rsrs. Conversem com quem já produz, participem de cursos, palestras e eventos de qualificação. Tenha humildade de reconhecer que sempre precisa se atualizar, pois a cada dia tem uma novidade. Sirvam a Deus como servos e exaltem apenas o Seu Nome. Aqui não tem ninguém abaixo da média e nem acima da média, aqui tem profissionais dedicados que usam os seus talentos para produzir filmes que são veículos de salvação e transformação. Os 'semi-deuses' precisam se quebrantar pra glorificar apenas a Deus. Força, força, força, você vai conseguir! Quero agradecer primeiramente a Deus, à Revista Amplitude e à equipe maravilhosa que tem ajudado a realizar o Festival! Visite o nosso site e conheça os investidores e parceiros.

Veronica Brendler

Diretora do FNCC

Cel. 21 98077 7779

www.cinmacristao.com.br

cinmacristao@gmail.com



Primeira edição do Festival, em 2013



Segunda edição do Festival, em 2014

O 3º Festival Nacional de Cinema Cristão acontecerá em outubro, no Rio de Janeiro, em data ainda a confirmar (*as inscrições de filmes encerraram-se em junho*). A partir desta edição, poderão concorrer também filmes estrangeiros.

As categorias premiadas são:

PREMIAÇÃO DAS CATEGORIAS

Categorias de Longa Metragem: Melhor Filme; Melhor Direção; Melhor Ator; Melhor Atriz; Melhor Roteiro; Melhor Fotografia; Melhor Direção de Arte (Designer de Produção); Melhor Figurino; Melhor Maquiagem; Melhor Musica; Melhor Trilha Musical e Melhor Montagem/Edição.

OUTRAS CATEGORIAS:

Melhor Curta-Metragem; Melhor Média-Metragem; Melhor Documentário; Melhor Série; Melhor Animação; Melhor Humor Cristão e Melhor Filme Estrangeiro.

Uma mensagem imprópria

Judson Canto

O nome Simplício lhe caía bem. Seis anos de crente e ainda mantinha a fé despojada dos novos convertidos, o entusiasmo de quem exercita os primeiros passos na vida cristã. Faltava a ele um pouco de maturidade, talvez. No entanto, as maneiras simples lhe permitiam um viver feliz e descomplicado, sem as constatações melancólicas que permeiam as ponderações mais profundas.

Simplício era também, ou em consequência, um incansável evangelista, que não poupava ninguém: estudantes, passageiros estressados nos coletivos, os bêbados do quiosque do calçadão central, policiais, ambulantes, o padre e até o prefeito. Parecia que ninguém na cidade havia escapado às suas prédicas incisivas ou aos seus folhetos. Quando não estava trabalhando na fábrica ou participando de algum culto ou trabalho promovido pela igreja, Simplício estava evangelizando.

Por isso, a situação é inusitada: neste momento, ele não está trabalhando, nem cultuando, nem evangelizando e caminha triste na calçada, sem aquela disposição característica do ganhador de almas. O paletó cinza, curto e surrado parece de chumbo, a vergar-lhe a espinha. E a indefectível pastinha, em que carrega, desde a conversão, a Bíblia, a revista de escola dominical e outras preciosas “literaturas”, para usar o jargão evangélico, parece pesar como uma cruz.

Registre-se ainda que nesta mesma semana ele passou a dedicar-se a uma quarta atividade: a do discipulado — tarefa da qual se incumbira com redobrado zelo,

sempre afirmando para si mesmo que o fato de a pessoa sob os seus cuidados ser uma jovem e atraente viúva, convertida no domingo anterior, em nada influenciara esse desdobramento em seu labor ministerial.

Mas certamente não é para a casa de Benedita — esse o nome da discípula — que ele agora se dirige. Porque então o paletó se transformaria em asas, e a pastinha, que já guarda entre os sacros volumes alguns inocentes segredos, numa cúmplice sem peso. O desanimado evangelista arrasta-se em direção à igreja, mas dessa vez não transparece no rosto a radiante expectativa que antecede um culto. Mesmo porque, àquela hora, a nave do templo era exclusividade da zeladora e seu monótono aspirador.

Pela primeira vez, Simplício fora convocado ao gélido — pelo menos agora assim o imaginava — gabinete pastoral. E era para uma reprimenda, segredara-lhe um amigo diácono. Sua conduta irrepreensível estava maculada. O combalido caminhante busca atinar o motivo. Está quase convencido de que é por causa da viúva. Talvez o pastor tenha achado demais quatro visitas em quatro dias (hoje seria a quinta em cinco dias, não fosse a inesperada convocação).

Finalmente, ele chega às dependências da administração da igreja. Vendo o gesto do pastor através da porta, Simplício, tenso e pálido como um condenado, adentra o gabinete.

— O irmão tem feito um excelente trabalho evangélico — inicia gentilmente o pastor após as saudações e depois de estarem ambos acomodados, Simplício nem tanto. — Se um terço da igreja tivesse a sua disposição, esta cidade já estaria convertida.



Simplício está radiante com o elogio, embora não se sinta ainda tranquilo. Não seria aquela ênfase ao evangelismo uma tática para impedi-lo de discipular... e afastá-lo de Benedita? Ele sente o estômago doer.

— O irmão deve estar ciente de como é difícil conseguir autorização para evangelizar determinados lugares — continua o pastor, alheio às somatizações do jovem à sua frente.

Simplício concorda, sentindo a cor aos poucos voltar ao rosto e a dor no estômago diminuir, pois o rumo da conversa não parece apontar para Benedita.

— Lembra-se de como foi difícil penetrar no hospital, da oposição das freiras? Pois elas voltaram a reclamar. Querem que sejamos proibidos de evangelizar os doentes.

— Por quê? — quase grita o devotado evangelista, agora vermelho de cólera.

O pastor não responde, apenas estende para ele um folheto que mostra a silhueta de um homem acenando para um ônibus, e, mais acima e ao fundo, um avião que se destaca contra o Sol — ou a Lua, o pastor não sabe dizer. Simplício costuma trabalhar com os folhetos de uma respeitada organização evangélica, a pastinha agora mesmo está cheia deles. São folhetos para várias ocasiões, mas ele nunca segue o que o título sugere, por achar que, mesmo de maneira imprópria, Deus pode tocar a alma de alguém. Ele reconhece o folheto, de uma distribuição recente que incluiu o hos-

pital da cidade. E então percebe por que aquele pedaço de papel verde tornara-se uma arma na mão das religiosas. O estômago volta a doer.

— Foi uma grande confusão, aumentada pelas freiras — informa o pastor, que notara o desconforto do evangelista. E o aconselha a prestar mais atenção às mensagens impressas que doravante for distribuir. Sim, os crentes iriam continuar o trabalho no hospital. Não, além de uns poucos sustos e alguma indignação ninguém sofreu nada de grave. Sim, ele pode continuar evangelizando. Não, nada mais a tratar. Sim, ele pode se retirar.

Sozinho e com a impressão de ter ouvido um suspiro aliviado antes que a porta se fechasse, o pastor guarda o folheto e tenta imaginar-se muito doente, num leito de hospital, recebendo um panfleto idêntico da mão de um desconhecido. Esforça-se para reproduzir a sensação experimentada por um virtual candidato à outra vida que ergue aquele papel à altura dos olhos e lê as palavras impressas na parte de baixo, em grandes letras: “BOA VIAGEM!”.

Judson Canto é editor, escritor, revisor e tradutor. Mantém o blog [O Balido](#).

Do autor, baixe em formato pdf o conto ilustrado **Até os Confins da Terra**. [CLIQUE AQUI](#).

PUBLICIDADE

Anúncios: AMPLITUDE é gratuita e não objetiva lucro financeiro. Mas se você deseja veicular anúncio na revista, será bem-vindo: os recursos advindos serão doados para Missões/Agências Missionárias de procedimento reconhecido e ilibado, e os repasses serão comunicados e comprovados aos colaboradores, corpo editorial e leitores. Ou serão investidos em melhorias na própria revista, tais como a contratação de ilustradores, designers etc.

Para anunciar escreva para: revistaamplitude@gmail.com

AMIGO

Alfredo Mignac

Andando, como um pária, a perscrutar a terra,
O gigantesco mar, o espaço imensurável,
Encontrei Dor e Pranto, Ódio e Treva; e de guerra
O incontido desejo execrando, indomável!

Vi gente quase boa e gente abominável,
Que da humana porção logicamente aberrar!
Não vi, porém, um só, um ser puro, incansável,
De o Bem fazer. Amigo a dar perdão ao que erra!

E que tristeza imensa... Entanto, pouco importa!
Em Jesus encontrei o Amigo que conforta,
O Amigo que perdoa e que nos sabe amar!

Quando estiver sorvendo o fel das desventuras,
De tristezas cercado, em meio das agruras,
O Grande Amigo vem minha alma consolar!

HABACUQUE PARA TEMPOS DE DESOLAÇÃO

Júnior Fernandes

Os olivais negaram seus frutos, na colheita.
Das figueiras as flores não brotaram.
No curral das ovelhas, nem sequer rolinhas existem.
Nenhuma palha de trigo nos celeiros.
A terra devastada de Eliot
A crise grassa...
A graça.
O louvor,
em meio à dor,
em tempos de desolação.
Mas, a força de superar tudo,
vem do Senhor,
que faz florir a esperança no amanhecer
e surgir um sol de Salvação.

PEDE PERDÃO

Elio Roldan Anderson

Quando pensares que venceste em tua vida,
E te esqueceres que nem tudo inda viveste,
E, na loucura, imaginares escondidas
Todas as culpas que ficaram, do que fizeste

Mesmo que creias que ninguém mais te acusa,
Que a consciência já esta amortecida,
E não virá à tona o que esqueceste, Cuida!
Não fugirás, jamais, da culpa esquecida

Um dia, em teu caminho, encontrarás
Aquilo que tu nunca desejaras.
Então, como te defenderás
Se, de inopino, vem o que não esperavas?

Há uma atitude só que pode mudar isso,
Esse destino tão cruel que apavora
Busque nas lembranças, perdoa o esquecido
Peça perdão pelo que fizeste outrora.

Então, a paz inundará a tua vida
Ficarás mais leve, livre da acusação
Assume hoje a lição que Cristo ensina
Perdoa sempre, sê humilde, pede perdão.

UMBRAIS DO PARAÍSO

Joanyr de Oliveira

Os sicários decidiram unânimes
converter os gatilhos em pássaros.
Os loucos destilam sinfonias
como fontes misteriosas.
Os xenófobos detonam as fronteiras,
a mesclar a epiderme dos homens.
Os ladrões mais destros e intangíveis
furtam apenas beijos — e cantam.
Os mentirosos juram sem perjúrios,
cultuando o sabor das palavras.
Os néscios fulgem nas alturas,
iluminando os quadrantes da Terra.
Os carcereiros, em súbitas magias,
transformam celas em magnólias.
Os ditadores renunciam em prantos
nos cálidos ombros do povo.
Os espíritos leprosos trescalam
os mais célicos odores.
Os cegos contemplam o azul,
a reinventar o arco-íris, as cores.
Os idolatras da prata e do ouro
anseiam por votos de pobreza.
As sórdidas legiões se purificam
a edificar os umbrais do Paraíso.
Os escuros agentes da Morte
convocam as forças da Ressurreição.

Os Pronomes

J.T.Parreira

A caminho da fogueira, que chamava a atenção para os confortos da carne, ia com passos inseguros e um talhe esguio e abatido de corpo, embora os olhos parecessem ir firmes e uns bons metros adiante dele.

Assentou-se junto do fogo gratuito, nessa noite em que a temperatura oscilava entre o fim do Inverno e o começo das brisas da Primavera. Parecia com a sua inquietude, estar em busca da noite; provavelmente, para que dentro do escuro fosse igual aos demais, que estavam também à roda do fogo ou vinham assentar-se, aproveitando o aquecimento que as noites do pátio do sumo-sacerdote promoviam.

- “Não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces”. – Dissera-lhe Ele contrariando o seu voluntarismo, quase sempre pouco prudente.

Era uma frase a que não dera, no momento, o devido valor profético. Por certo que iria procurar que tal não sucedesse, em toda aquela noite de grande azáfama e em que coisas estranhas haviam acontecido. Sacerdotes, capitães do Templo, anciãos representativos do povo, as forças vivas da cidade, toda a gente ligada aos meios religiosos de Jerusalém, tinham chegado como que preparados para prender um qualquer malfeitor, um inimigo público, e por isso munidos de espadas e varapaus.

- “Uma multidão orientada por um traidor, mas em tumulto consigo mesma”. – Pensava

ele, enquanto via chamas a lamberem o escuro ao redor da fogueira.

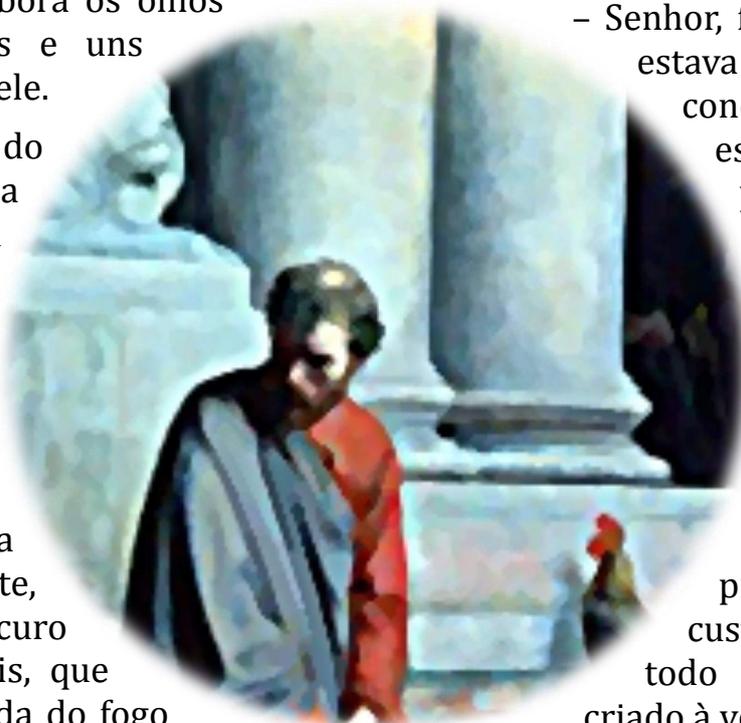
Não era tarde ainda, quando chegou ao pátio, mas estava cansado e agitado com toda aquela balbúrdia a que assistiu, de que participou também, e que levava alguém num gesto de defesa a perguntar:

- Senhor, feriremos à espada? – estava ainda longe de formar conclusões no seu espírito. Era simples pescador das águas do Mar da Galileia, homem de trabalho artesanal e não um jogador de políticas, fossem elas religiosas ou de Sinédrio; ele era um homem sem premeditações, por isso custava-lhe a entender todo aquele ambiente criado à volta do Mestre.

Quando se aproximou do fogo, foi apenas para compartilhar com ele a sua tristeza, apenas para colocar seus olhos em alguma coisa que não fosse fria, diferente do coração dos homens. O enredo viria depois.

- “Quem estenderá a sua mão para o fogo a negar o Mestre? Quem se aquecerá junto à fogueira e negará seu Mestre?” – era já uma legenda contida no fogo, que mais tarde passaria à história e à tradição. Entretanto Pedro procurava apenas o calor numa noite de Primavera fria, e que não suspeitava sequer da solidão e de como o seu olhar seguindo o Mestre voltaria igual ao daqueles seus colegas do fogo acendido no meio do pátio.

Em seguida foi buscando aqui e ali cumplicidades, tentando compartilhar das conversas que abordavam, à margem, o crepitar das chamas que se elevavam da



Carl Heinrich Bloch

fogueira. Era já noite agora, o que mais acentuava a pureza da luz em combustão. Não sabia ele ainda como, apesar de tantas labaredas, mas o seu passado recente com o Mestre estava a resvalar da claridade para o obscuro; estava prestes a misturar-se nas sombras que falavam, gesticulavam, levantavam-se e assentavam ao redor do fogo, esperando que amanhecesse o dia da preparação da **Pesach judaica**.

- “É galileu” – foi um golpe na madrugada já, que rompeu a obscuridade em que Pedro se envolvia mais do que nunca. O homem que parece ter feito esta descoberta, não pronunciara, no entanto, nenhuma novidade. – “Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu” – reforçou, certo de que a insistência abriria a defesa.

Pedro sentiu que a sua fala aramaica, com pesado acento gutural, o identificava.

Naquela roda de amigos conviventes de muitas circunstâncias jamais existira uma diferença, uma dissonância que fosse. E a aparição de um estranho, ainda por cima com um sotaque malquisto, actuou como a queda de um copo de cristal num jantar de cerimónia, ou como uma tosse no momento mais solene de silêncio na sinagoga.

- “Este também estava com Ele”. – Disse uma criada, que ia e vinha servindo os que estavam no pátio, mas que seriam íntimos da casa de José Caifás.

- “Mulher, não o conheço!” – esquivou-se ele, como se tentasse apresentar um outro rosto diante dos olhos insistentes da criada.

Pela primeira vez, notou Pedro em si, e a força com que desmentia cada arremetida tornava-o na árvore de toda aquela floresta de cúmplice de Caifás e do seu sogro, Anãs.

Aparentemente parecia ter-se desinteressado do que estava a ocorrer no interior da casa com o seu Mestre. Tinha olhos só para si próprio.

Procurava com esforço incansável que o seu «eu» se diluísse e desaparecesse entre tantos «eus» que ali o rodeavam. Estava a exercitar arduamente a sua sobrevivência **numa luta agónica de pronomes**.

- “Tu és também deles” – juntou-o ao grupo dos discípulos um outro homem. Ao que Pedro, em evidente esforço, responde: - “Homem, não sou!”

Quando uma última negação se misturou com o cantar de um galo, que o escuro devorava completamente, mas que agora já não podia resistir-lhe a força de cada bicada do animal, quando a madrugada começou a apagar o clarão do fogo, a fortuna enfim chegou primeiro aos olhos de Pedro, depois a todo o corpo alquebrado por uma noite em branco. Nos seus olhos estavam lágrimas que, sem o saber, guardara para o sacrifício do Mestre, como aquela mulher guardara o vaso de alabastro como o unguento para a morte do Senhor.

Uma mudança profunda começa a amanhecer nele, e um outro fogo que não cessa estava agora a iluminar o seu rosto, mesmo perante os homens que o reconheceram. A esse fogo chamar-se-ia vergonha, humilhação, ou simplesmente maneira de testemunhar doravante quem era e a quem estava ligado. Bastou que, do fundo da casa, do mais fundo da zombaria e dos ferimentos que infligiam o Mestre, este colocasse sobre o negador o seu olhar.

Pedro deixa para trás os pronomes com que estivera lutando nessa noite ao redor da fogueira, **este, ele, tu**. E saindo fora do pátio, chorou amargamente.

*Do livro **Como quem ia para longe**. Baixe gratuitamente seu exemplar [AQUI](#).*

*J.T.Parreira é poeta, escritor e ensaísta português. Autor de seis livros de poesia e diversos e-books. Escreve desde 1964 na revista *Novas de Alegria*.*

Mantém o blog [Poeta Salutor](#).

Um outro começo

Célia Costa

“Não pares...” disse a mulher desviando, por instantes, o olhar, da copa da árvore sob a qual estavam deitados.

O homem sorriu e retomou o deslizar da mão pela silhueta da barriga dela. “O que tens?”, perguntou.

Ela hesitou um pouco. Entre os dois nunca houvera segredos, mas ultimamente sentia-se assaltada por pensamentos que pressentia perigosos, capazes de ameaçarem a sua existência em comum, tão perfeitamente construída. Eram o casal mais feliz do mundo e sabiam-no. De que servia perturbar essa certeza? Finalmente, encontrou uma resposta:

“Alguma vez pensaste na sorte que temos?”

O homem voltou a sorrir. Agora era ele que não sabia o que responder. Nunca pensava nestas coisas. Gostava da vida que tinha, do trabalho no campo, de cuidar dos animais. Gostava daquela mulher forte e mansa que todas as noites enlaçava os pés nos dele antes de adormecer. Não sabia dizer se era uma questão de sorte; era a única vida que conhecia e nunca desejara outra.

Desviou o assunto: “E se fôssemos ver os flamingos?”

O sapal ficava perto, antes da ria, depois de uma descida íngreme de terra barrenta e pedras soltas ladeada por árvores de fruto e vinhas. Durante a maior parte do ano, oscilava entre o cinzento que o vai-vém da maré produzia e os castanhos, mais ou menos pardos, das aves que por

ali poisavam. A chegada do Outono alterava tudo: centenas de flamingos rosa e branco enchiam os canais de cor, dando-lhe um ar feliz e cremoso. O casal ia até lá muitas vezes e nunca se cansava da paisagem tão familiar e previsível, até na mudança.

O homem pensou: “Não é sorte; tudo é, apenas, como pode ser”.

Antes da última curva, uma macieira lançava sobre o caminho alguns ramos carregados, numa espécie de saudação aos passeantes. A mulher reparou nos frutos vermelhos e brilhantes e quis tirar um, não porque sentisse fome, mas pelo prazer de o arrancar, despojar a paisagem, tornar imperfeita uma existência que começava a não lhe permitir desejar nada. “Vou tirar uma maçã. Também queres?” O homem respondeu: “Deixa isso. Sabes que o senhor não gosta. Além disso, não há necessidade. As lá de cima são melhores. Quando voltarmos, comemos”.

A mulher hesitou. Lançou um último olhar às maçãs. Imaginou-as rijas e doces, sentiu a pressão dos dentes à primeira dentada, o sumo a escorrer-lhe pelo queixo. O braço esquerdo fez um movimento para colher uma e retraiu-se novamente. Não era capaz.

“Eva?”

“Estou a ir”.

Célia Costa nasceu em Portugal há 53 anos. Vive em Évora, Cidade Património Mundial da Humanidade. Escreve e fala regularmente sobre temas da sociedade contemporânea, nomeadamente, inclusão social, vida cristã e mentalidades.



Babilônia. Acrílica sobre tela, S/D



Acrílica sobre tela, S/D



Técnica: Acrílica
sobre tela

Rafaela Senfft é artista plástica e professora de História da Arte. É membro da Igreja Esperança, em Belo Horizonte (MG).

Blog:

www.rafaelassenfft.blogspot.com.br



A Catequese ou Feliz 1953

Joanyr de Oliveira

Os companheiros dormem. (Foram caindo no cimento com o avançar das horas.) Só eu perdido na noite, a figura sinistra do tenente Harry a martelar-me o cérebro. Sim, o coração dele parece morada de mil demônios. Compraz-se em aterrorizar-me, e sua boca não se farta da palavra *morte*. Só eu, de resto aceso na escuridão, só eu insone, recostado na parede do cubículo, a cultivar este medo.

Pior, porém, na cela – a lembrança me horripila. Treze dias nas entranhas do inferno. O ar pesado, negro, as vozes perdidas nas sombras chegam moribundas, ininteligíveis. Sonham falando, talvez; quem sabe os guardas a comentarem futilidades? Há, ainda, a hipótese de eu estar ouvindo “fantasmas”.

No décimo quarto dia, poderia optar pelo cubículo especial de preso político, mas estava inundado de solidão, decidi ficar com eles.

Símplices, afeitos a muitas vicissitudes, a prisão não os fere. Lembro-lhes o nome de Deus, se um deles por acaso explode em impaciências. Ensino-lhes hinos confortantes, a alma nos lábios, ouvem-me e aprendem. Sei que não devo torna-los alienados, nem injetar-lhes ópio com minhas palavras. Mas estou certo, sobretudo, de que eles precisam agora é de palavras de conforto.

Nem todos, porém, logram ascender ao plano onde me encontro, nem aos devaneios de meu pobre espírito: foram dizer a meu pai que eu enlouqueci.

A visita é curta – determina a Casa da

Guarda na voz de um sargento feito de aspereza e prepotência, que recebe mal a meu pai. Perscruto-o. Nas barbas que lhe enfatizam o ar soturno, o reflexo da grande dor pelo filho. Traz-me frutas, revistas, livros e as palavras do amigo que resta. As mãos visivelmente trêmulas.

- O doutor Resende trata do caso. Eu havia tirado um empréstimo na Caixa, mas o bom homem dispensa os honorários. E ainda mais sorumbático, sussurra um queixume: - Vieram-me dizer que você tinha ficado louco, e eu protestei. Disse que eram coisas de sua religião, que eu não entendo, mas sabia: você canta as esperanças de um mundo melhor...

Mais um dia, o tenente quer assumir ares paternais, porém é falso, glacial:

- Liberta-te deles; há o futuro! Quero te ganhar para Deus, a Pátria e a Família.

Esboço um sorriso. Combalido, começo a sentir-me mal. Emaranham-se os pensamentos, volatizam-se os alicerces de todas as coisas. Que peso na alma! Os seres, os objetos apresentam-se de ângulo inusitado, a face oculta das coisas é que aflora, nutrida de incoerências. Ninguém me entenderia. Daí os solilóquios. O teto, as encardidas paredes, confundimo-nos na solidão; dentro dela parece até que nos identificamos. Soldados jogam olhos curiosos sobre o meu rosto.

Amanhã irão trombetear nos alojamentos, nos pátios, que eu enlouqueci. É que eles desconhecem. Ninguém lhes contou. Ninguém disse que o tenente queria os nomes, que o tenente torturava-me ferozmente, roubando-me não só a paz, mas toda a lucidez e equilíbrio:



Fernando Botero. *Abu Ghraib 66*. 2005

- Diga, sujeito, diga os nomes! Sei que você é um deles! Tenho um dossiê completo sobre sua vida, li tudo o que escreveu no jornal. Não vai dizer?!

O cassetete sublinhou, a colidir com meu ventre, a voz imperiosa. O borzequim levanta-se, selvagem, um coice atinge-me e projeta-me ao solo. Contorço-me, a dor penetra-me profundamente. Estarão as vísceras partidas? Haverá fratura? A perna começa a sangrar. Impotente, deixo as lágrimas desprenderem-se pelo rosto. Mas depois me envergonha a pusilanimidade. E temo haver declinado algum nome, no auge do desespero, ou sob a ação do “pentotal” que me injetou no corpo.

- Fale tudo, ou lhe aplico o “soro da verdade”!

- Aplique-o – respondi.

Pagaria qualquer tributo para emergir do túnel, das torturas morais, dos espancamentos.

- Sabe que lhe pode sobrevir a loucura?

Não, eu não sabia, “mas nada importa...” Consultou o companheiro, também tenente, refletiu um pouco e reclinou a seringa, meu braço estendido, vencido, submisso sobre a mesa. Sensação estranha, comecei a falar. “Delatei alguém, meu Deus?” – ia eu balbuciando desde então, no bojo das noites. Ninguém me entenderia! Ninguém me entenderia!

Os olhos do tenente transbordam das órbitas, taurinos, a boca trêmula de ódio. A sede de violência o incandesce, as duras pupilas saltam sobre minha frente, lembram fera, coisa ruim, cão danado. Alucinações minhas? Pesadelos? Pode ser, quem sabe? Que sei eu? Não estarei louco?

Presos chegam, permanecem poucos dias, despedem-se. Furtos, badernas, insubordinações. Mas é a rotina. Ninguém os tortura; ninguém os humilha. Por que é que só contra mim se volta, implacável,

furibunda, todos os dias, a figura sinistra? “À meia-noite te jogarei no mar. Confessa, patife; canalha, confessa! Quem são eles? Quem são?”

O tempo a deslizar diante do rosto, nas grades. Os dias fundem-se, a monotonia estende sobre as coisas suas teias e seu reino. (“Meu pai, eles irão matar-me? Farão isto, meu pai!”). Há quanto? Cinquenta dias? Setenta? Consigo filtrar a informação de que sou presidiário há quase dois meses, cela inclusive. A cabeça agiganta-se, os pensamentos detonam contra os ferros das grades. O cubículo já pesa demasiado sobre o meu espírito... Imagino-o a degolar-me. O tenente, sempre o tenente. Fratura-me as pernas, as tíbias expostas a perfurar a carne; a esmagar o crânio, que eu equilíbrio bêbado pelos abismos infinitos, o tenente sepultando-me o corpo no mar. “É a loucura, a loucura! Sim, soldados, eu acho que vocês estão cerros...”

* * *

As portas de ferro surpreendem-me. Abrem-nas soldados e monossílabos. O tenente, em seu gabinete, aonde me conduzem (os soldados e os monossílabos), recebe-me entre sorrisos que me ferem pontiagudos e ainda mais me atordoam o espírito. De choque, comunica a libertação iminente, e me deseja bom Natal e feliz 1953... Diz-me, ante meu corpo combalido e frágil, que graças ao Senhor recuperou-me. Para Deus, a Pátria e a Família. Ao seu sorriso retribuo com outro, entre mordaz e compreensivo. Mentalmente volto a cantar hinos cujos tranquilos acordes se adicionam às luzes benfazejas da ilha, aos caminhos sem fim. (E lembro-me de que Cristo queria um só rebanho para um só pastor, e que todos se irmanassem numa comunidade onde não existissem os lobos do homem.)

O tenente, perante Deus, quer ser bom e amorável; lisonjeia-me, mas eu apenas me arreio ao refletir em que detrás de suas mansas palavras ficam-se moradas de mil

demônios. (Ele sabe de minha inocência, mas é por demais orgulhoso para confessar que errou, que estava redondamente enganado.) Aperta-me a mão, formal; meu ar ausente, sem rancor, começa a perturbá-lo; desvia o olhar e balbucia algo que eu não consigo compreender. Busca a saída:

- Apesar de tudo, alegra-me o resultado positivo, a catequese.

Penso tratar-se de insólito gracejo, mas logo verifico que a expressão de seu rosto é mesmo de “santa alegria”, não me

deixa dúvidas: “Catequizou-o meu proselitismo!” Pouco faltou para exclamar, de joelhos: “Para o reino dos céus; *Deus seja louvado!...*”

Do livro *Caminhos do Amor* (CPAD, 1985).

Joanyr de Oliveira (1933 – 2009) foi poeta, escritor e antologista. Autor laureado, foi diretor de publicações da CPAD e um dos maiores promotores da literatura evangélica em nosso país.

A primeira coisa a entender é que você não entende.

A cada passo adiante, a filosofia desprende uma pele e cada pele passa então a ser habitada por parasitas inúteis.

Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é perder-se.

O casamento feliz é e continuará a ser a viagem de descoberta mais importante que o homem jamais poderá empreender.

Sofrer, é só uma vez; vencer, é para a eternidade.

A fé é a mais elevada paixão de todos os homens.

O cômico é sempre a marca da maturidade. Mas é vital que alguma nova emoção esteja pronta para brotar por baixo e que a mera força da comédia não sufoque esse *pathos* crescente. Deveria, ao contrário, servir para indicar que um novo *pathos* está começando.

HOT SPOTS:

KIERKEGAARD

O filósofo e teólogo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813—1855), é considerado o pai da corrente filosófica existencialista. Viveu uma vida atormentada. Atacou a igreja da Dinamarca (de confissão luterana) em suas formalidades, que ele considerava vazias. Sua teologia versa sobre ética, fé e as instituições eclesiásticas.

Algumas obras: *Temor e Tremor*; *O Conceito de Angústia*; *O Desespero Humano*; *O Matrimônio*; *As Obras do Amor*.

Deve-se ferir mortalmente a esperança terrena - só então é que nos salvamos pela esperança verdadeira.

A maioria dos homens persegue o prazer com tanta impetuosidade que passa por ele sem vê-lo.

Oh, no mundo muito se fala de traição e de infidelidade, e oxalá quisesse Deus melhorar

isso, pois infelizmente é muito verdadeiro, mas não nos esqueçamos jamais, por causa disso, que o traidor mais perigoso de todos é aquele que cada homem traz dentro de si. Esta traição, quer se trate de se amar de maneira egoísta, quer se trate de egoisticamente não se amar de maneira certa, esta traição é certamente um segredo; por causa dele ninguém se alarma como por causa da traição e da infidelidade; mas será que por isso mesmo não seria importante sempre de novo recordar a doutrina do Cristianismo: de que um homem deve amar o seu próximo como a si mesmo, isto é, como ele deve amar a si mesmo?

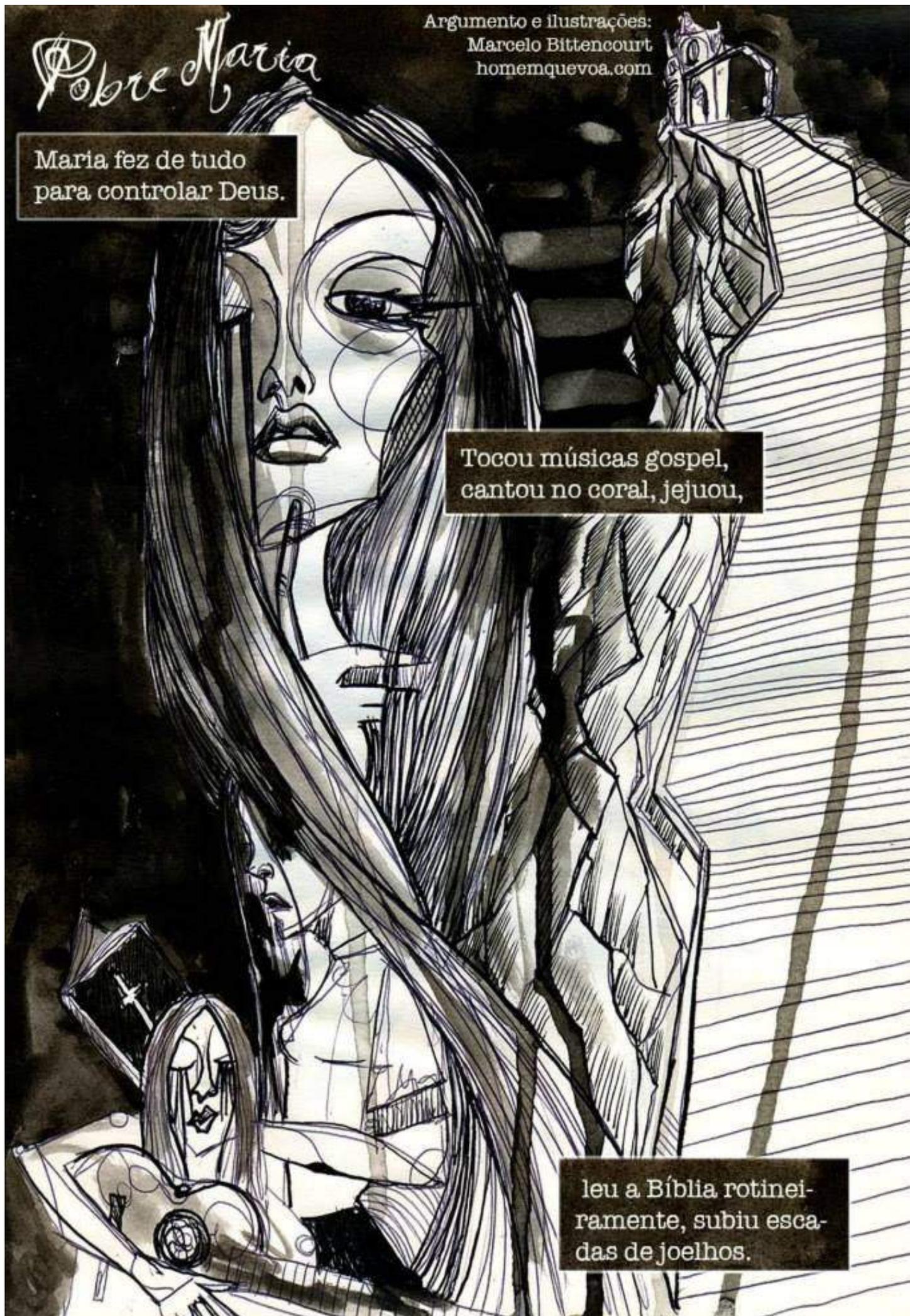
Pobre Maria

Argumento e ilustrações:
Marcelo Bittencourt
homemquevoa.com

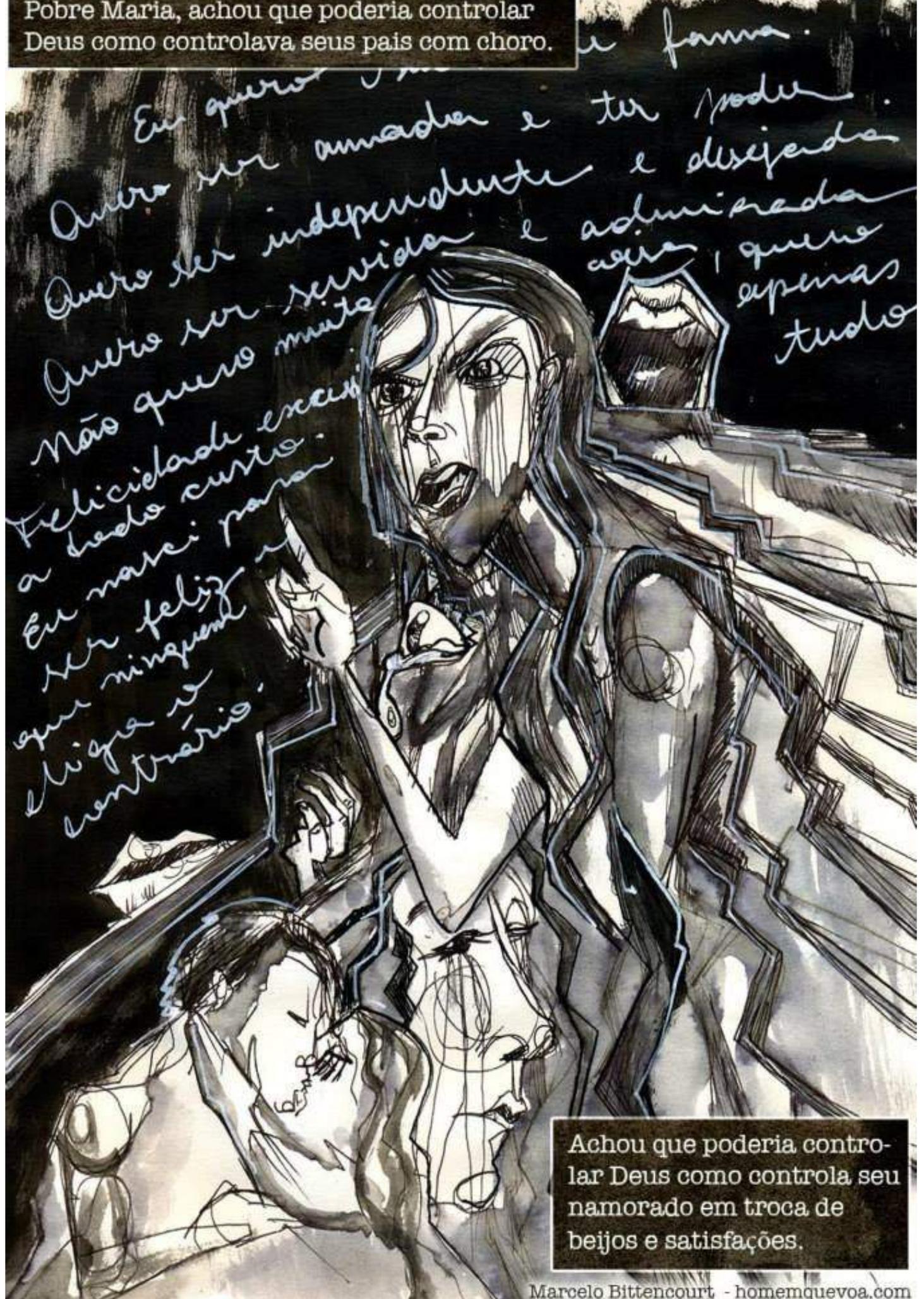
Maria fez de tudo
para controlar Deus.

Tocou músicas gospel,
cantou no coral, jejuou,

leu a Bíblia rotinei-
ramente, subiu esca-
das de joelhos.



Pobre Maria, achou que poderia controlar Deus como controlava seus pais com choro.



Achou que poderia controlar Deus como controla seu namorado em troca de beijos e satisfações.

Pobre Maria, não percebeu que nada tinha para controlar Deus.

Não percebeu que não era Deus que precisava dela, e sim ela d'Ele.

Pobre Maria, se revoltou quando suas exigências não foram aceitas.

Maria resolveu conquistar seus desejos por sua própria força.

Entrou no labirinto de sua alma e nunca saiu de lá.

Achou que Deus se restringia a uma troca de favores.

Não, Maria, Deus quer se relacionar contigo
e Ele não exige nada de você para amá-la.

Não, Maria, Deus não
vai lhe mimar e dar
tudo o que você quer.

Maria, então, percebeu que se
não fosse do próprio jeito,
Deus não lhe prestaria - assim
Ele não lhe era útil.

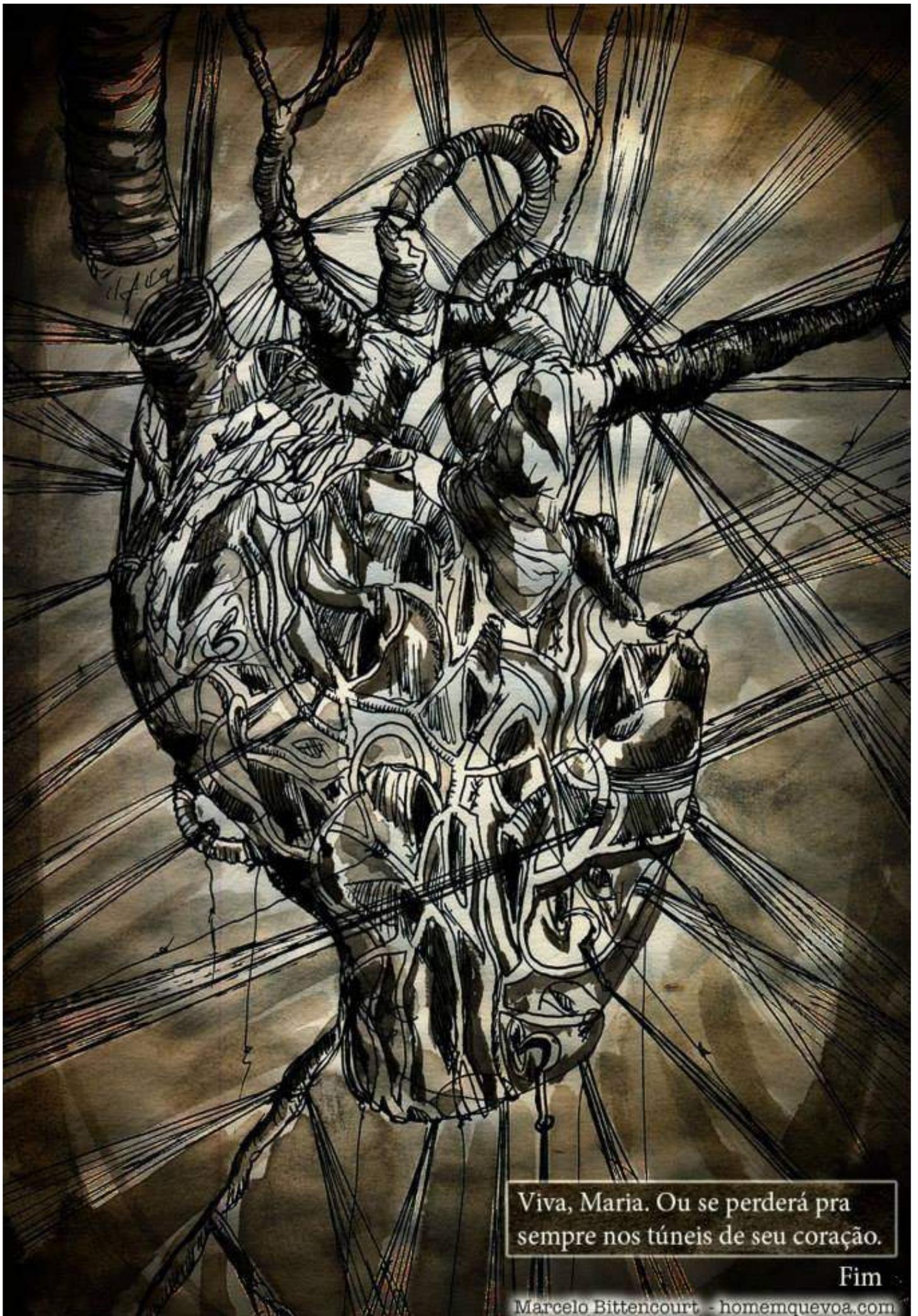


Pobre, Maria, ouve os ecos de sua alma e
prosegue sua vida com doses de anti-depressivos.

Marcelo Bittencourt - homemquevoa.com

Mas há uma saída, Maria, uma saída de si mesmo

a saída é render-se e perceber que há vida quando se relaciona com Deus, não por troca, mas com amor.



Viva, Maria. Ou se perderá pra
sempre nos túneis de seu coração.

Fim

Marcelo Bittencourt - homemquevoa.com

Filhos da Pobreza

Margarete Solange Moraes

1984. Estava indo fazer uma reportagem numa cidadezinha chamada João Câmara, mais conhecida pelos moradores do lugar como “Baixa Verde”. Eu iria acompanhada de um fotógrafo que era novato na repartição de nosso Jornal. Além de atrapalhado, o cara tinha o costume de não ser pontual. Assim sendo, para evitar esperá-lo além do previsto, eu costumava ir pegá-lo na casa dele.

Parei o carro em frente ao prédio e buzei insistentemente dando demonstração de pressa. Algum tempo depois, o bonitão surgiu com a mãe a tiracolo, ajudando o filhinho aqui e ali, me fazendo lembrar uma gata que lambe os seus filhotes.

– Vamos, Léo! – gritei para apressá-lo. Quando o meu companheiro de trabalho preparava-se para entrar no carro, surgiu ao seu lado uma mocinha meio acanhada. Ela usava um vestido de tecido barato e muito florido, o que me fez imediatamente concluir a sua origem.

Trocou umas poucas palavras com Léo e entregou-lhe uma certa quantia em dinheiro que hoje deveria corresponder a dez reais.

– Quê que ela queria, Léo? – indaguei curiosa.

– Pediu que eu entregasse esse dinheiro à mãe dela... lá no interior para onde estamos indo... Ela é de lá, daquelas bandas.

Mudamos de assunto, conversamos, rimos, cantamos, até que por fim chegamos à cidadezinha. Fizemos nossa reportagem e quando achei que só nos restava pegar a estrada de volta, Léo me lembrou de que precisava entregar o dinheiro que a moci-

nhá enviara para seus pais. Perguntou na feira por seu Zé Felinto, marido de dona Nova e pai de Marlene e ficou sabendo que eles moravam um pouco mais afastados da cidade, num lugar chamado “Arisco do Sotero”.

– A fia casada dele mora naquela casa róseo... – anunciou o vendedor, que foi interrompido pela mulher do lado, para dizer que nem entregasse a encomenda porque ela não falava com o pai.

Léo perguntou se o lugar era distante e, como disseram que não, ele decidiu que iríamos até lá. Queria ter certeza de que a encomenda chegaria com segurança ao seu destino.

Eu estava a ponto de lançar-lhe, em rosto, todo o meu desagrado. Achava que tinha motivos de sobra para fazê-lo; afinal de contas, já havia aguardado, pacientemente, dentro do carro, enquanto Léo desfilava seu charme pela feira, comprando as novidades do lugar para levar para sua querida mamãezinha. Era pamonha, feijão verde, beiju, grude e nem lembro mais o quê, embalados carinhosamente para viagem.

Decidi não reclamar a decisão do meu companheiro. Com minhas implicâncias, eu iria, tão-somente, impedir aquele filho exemplar de realizar mais uma de suas boas ações. Mas não posso deixar de confessar que esse seu jeito bondoso e mimado de ser era motivo para eu fazer chacotas com ele, principalmente quando estávamos reunidos com os outros colegas na redação do jornal onde trabalhamos.

Depois de penarmos bastante procurando a morada do tal Zé Felinto, nos aproximamos da casa de taipa indicada por um homem que seguia com sua enxada sobre o ombro. Ao ouvir o ruído do carro, todos da casa saí-



Alice Brandão

ram à porta como que aguardando nossa chegada. Os filhos menores agarravam-se à saia da mãe, de modo que ficavam quase que totalmente escondidos por trás dela.

Descemos do carro. Leonardo apresentou-se dizendo que vinha da parte de Marlene, a moça que trabalhava num dos apartamentos do condomínio onde morava. Ao pronunciar esse nome, a mulher pareceu engasgar-se com as palavras que queria pronunciar. Com voz embolada e emocionada, ela disse:

– Diga a ela que fique por lá.

Eu, curiosa de nascença e acostumada a fazer perguntas graças a minha profissão, sentei-me num tamborete vazio próximo à porta e quis saber o porquê desse recado. Aqui e ali precisava pedir que a mulher repetisse o que dizia porque falava rápido, olhando para o chão da casa que era da mesma areia que havia no pátio em derredor.

A mulher de rosto sofrido, cuja idade não sei nem precisar, sempre com os pequenos escondendo-se atrás dela, disse-nos que não queria que a filha voltasse porque a coisa estava cada dia pior. Arranjar comida já estava difícil até para os que ficaram. Se Marlene voltasse seria uma boca a mais para dar de comer. Os filhos homens, que ficavam rapazes, fugiam de casa por causa da brutalidade do pai. Faziam falta no roçado para plantar e colher, mas era melhor assim. Largavam-se no meio do mundo para tentar a sorte noutro lugar.

Quando ela disse que nem sempre tinham o que comer, eu perguntei o que fazia com aquele monte de filhos pequenos. Nem lembro quantos, sei que eram muitos, creio que um filho por ano era a sua média. E quando comentei sobre isso, ela sorriu e disse-me com voz cantada, penso que se orgulhando do fato:

– Fora cinco qui morreru... e os mai véio qui foru imhora... tudo era dizenovi.

Querida que trouxéssemos uma garotinha de uns catorze ou quinze anos para que,

como Marlene, pudesse arranjar um emprego em casa de família. Mas a mocinha, embora fosse uma das menos assustadas, recusou-se a nos acompanhar. Cada vez que a mãe falava no assunto e insistia para que nos acompanhasse, ela, quando não ficava calada, sacudia a cabeça em sinal de negação.

Eu fiz muitas perguntas e dona Nova me respondeu de bom grado tudo o que quis saber. As meninas mais velhas vez por outra nos encaravam admiradas de nossas roupas e tênis, os meninos não tiravam os olhos do boné de Leonardo; mas, se fôssemos nós que resolvêssemos fitá-los com insistência, eles baixavam a cabeça e escondiam-se, uns atrás dos outros, encabulados.

Respondendo à minha pergunta, dona Nova disse que nos dias em que não têm nada para comer todos se sentam no chão da sala e ficam assim, sentados sobre a areia o dia inteiro, sem fazer nada.

– Ficam conversando? – perguntei interrompendo sua fala, ao que ela me respondeu:

– Nós num tem o qui cunversá não, moça... nós fica caladu mermo, isquecenu a fome... Olhei para Léo neste momento e senti que ele reprimia o choro. Eu tentava fazer o mesmo, quis até ficar calada para a voz não me trair; contudo, como era minha vez de falar, ficar calada seria pior. Decidi, então, continuar a conversa mesmo com voz trôpega.

– E as crianças?

– Fica queta junto de nós, tá tudo acostumado já, a fome aqui num é novidade não...

– Sim!... Sua filha Marlene mandou umas coisas para senhora... – disse Léo saindo apressado em direção ao carro.

A meninada o seguiu curiosa, todavia mantendo sempre uma distância defensiva. Pareciam uns bichinhos assustados, pés descalços, cabelos aloirados em desalinho e marcas de feridas nas pernas.

O meu companheiro retornou com a sacola cheia das novidades que comprara para sua mãe e a entregou à mulher. Achei o seu gesto louvável. Em seguida, tirou do bolso uma parte do seu salário e lhe entregou também, dizendo que Marlene tinha enviado. Dona Nova recebeu de cabeça baixa e proferiu uma benção para nós e para sua filha.

Neste instante, os filhos, sentindo o cheiro de comida, começaram a puxar a saia da mãe dizendo que estavam com fome. Eu aproveitei o alvoroço para, discretamente, espalhar com as pontas dos dedos, as lágrimas teimosas que escapavam de meus olhos.

A mãe, nenhuma resposta dava aos filhos que puxavam sua saia e repetiam que estavam com fome. Ela fazia gestos de reprovação e voltava-se para nós, esperando que fizéssemos mais alguma pergunta. Se não introduzíssemos a conversa, ela nada dizia. Sem nem ao menos contar o dinheiro que Leonardo lhe entregara, mandou que a menina mais velha o colocasse embaixo de um rádio grande e antigo que havia sobre uma mesinha no canto da sala, único móvel que havia além dos poucos tamboretos.

Percebi que faltavam uns botões no rádio e, por curiosidade, perguntei se ele conseguia pegar as estações de minha cidade. Queria tão somente confirmar as minhas suspeitas: o velho rádio era somente uma peça de enfeite, um dos poucos pertences daqueles filhos da pobreza.

Decidimos partir. Leonardo assumiu o volante e eu, ao seu lado, volvia-me de vez em quando para olhar para trás a fim de contemplar a mulher e os seus filhos em frente à baixa casinha de taipa. Até onde pude vê-los, estavam lá parados juntos à porta, olhando em nossa direção.

Os rostos deles ficaram gravados em minha mente ao longo dos anos: olhos que não choravam e lábios que não sorriam.

Margarete Solange, autora norterio-grandense, escreve crônicas, contos, romances e poesias. É autora de dez obras publicadas: *Um Chão Maior* (poesias); *Rebeca, Fazenda Solidão* e *O Silêncio das Lembranças* (romances); *Inventor de Poesia de Infantil, Inventor de Poesia*, e *O Crente não Escolhe, é um Escolhido* (poesias e crônicas); *Ninguém é Feliz sem Problemas e outros contos, Mais Belo que o Pôr-do-Sol e outros contos*, e *Contos Reunidos*. Mais de Margarete pode ser lido no blog [Nosso Literário Bloguinho](#).



NOTAS CULTURAIS



Em julho, alunos da [4U Films Academy](#), em parceria com *Avalanche Missões Urbanas* produziram e disponibilizaram o curta-metragem *INTERIOR*. Você pode assistir [AQUI](#). ■ Daniel Mastral lançou a ficção *Kilaim - Águas Turvas*, continuação de *Nephilim - Águas Escuras*, pela Editora Ágape. [AQUI](#).

■ Em janeiro o poeta e escritor Júnior Fernandes lançou o livro poético *Trevas, Trovões e Trovas*, pela Editora Penalux. [AQUI](#). ■ Em julho a Editora 100% Cristão lançou o mangá *Eclesiástico*, escrito por Richarde Guerra e ilustrado por Igor Cicarini. [AQUI](#). ■ A Editora CPAD realizará o *3º Seminário para Escritores e Articulistas*. O evento acontecerá nos dias 07 e 08 de agosto, na Assembleia de Deus Curitiba (PR). Mais informações [AQUI](#).

■ A artista gráfica, grafiteira e quadrinhista Lya Alves é a idealizadora da iniciativa *Khataros*, que objetiva reunir artistas, promotores culturais, escritores, artesãos e músicos num movimento cultural interdenominacional. Está sendo construído um cadastro de artistas. Maiores informações [AQUI](#).

■ A escritora Joice Lourenço mantém a página *Livros que Despertam*, dedicado aos autores de ficção (cristã) nacionais. [AQUI](#). ■ A Rev. Ultimato criou um espaço para divulgar fotógrafos e artistas plásticos. [AQUI](#). ■ **Concursos Literários:** 4º Prêmio SFX de Literatura 2016 (Poesia e Conto), prazo até Outubro/2015 (Informações [AQUI](#)). ■ XI Concurso de Contos - 13º UNICULT (Univ. Metodista de Piracicaba). Até 25 de Agosto. Informações [AQUI](#).

A Arte Moderna e a cosmovisão cristã

Rafaela Senfft



Paul Gauguin "A visão após o sermão" (1888)



Vicent Van Gogh " A Noite Estrelada" (1889).

Gauguin e Van Gogh sabiam usar liberdade artística sem subverter a ordem da realidade, o que concede, tanto na temática quanto na técnica, ao observador contribuições relevantes e uma certa identificação com suas obras. É possível perceber a realidade desses artistas e senti-la ao mesmo tempo, e assim encontrar alguma identificação. Diferente de quando o artista opta apenas por sua liberdade individual e autônoma; ou seja, ele acaba impondo sua visão particular de realidade como um dogma, anulando ao outro qualquer possibilidade de identificação de uma realidade compartilhada. Se torna niilista ao promover a ruptura de todos os alicerces anteriores e ainda zomba daquele que não o compreende; assassina toda construção simbólica, ressignificando a sua arte numa realidade reduzida em materiais técnicos - a arte pela arte.

Parece que a diversidade e as possibilidades da natureza criada já estavam tediosas para Kandinsky, ele precisava criar algo novo, totalmente "humano" e do mais profundo do seu ser, pois todas as coisas existentes já não faziam sentido em existir. Afinal, Vênus já estava morta e enterrada.

Todos os artistas eram ávidos por definir a realidade genuína, em representar fidedignamente o que poderia ser mais próximo da Verdade. Só que o que se entende por realidade sempre está mudando. Em todas as épocas, esse foi, é e será sempre o desejo universal artístico: representar a realidade; mas que tipo de realidade seria essa? Como definir o que é real sendo que cada cabeça chegou a conclusões mais distintas que as outras e tão subjetivistas do que é a verdade? Seria cada um encontrá-la dentro de si mesmo? E que validade teria isso como verdade absoluta? Há um abismo nisso tudo que configuraria uma nova arte, que se depara numa encruzilhada onde se exige escolher um caminho. Se eu tenho uma cosmovisão e uma crença determinada e definida não posso abraçar todo tipo de arte, assim como não é possível adotar todas as correntes filosóficas ao mesmo tempo e achar que isso seja "ampliar a vida". Dentro desse caldeirão haverá contradições éticas e morais.

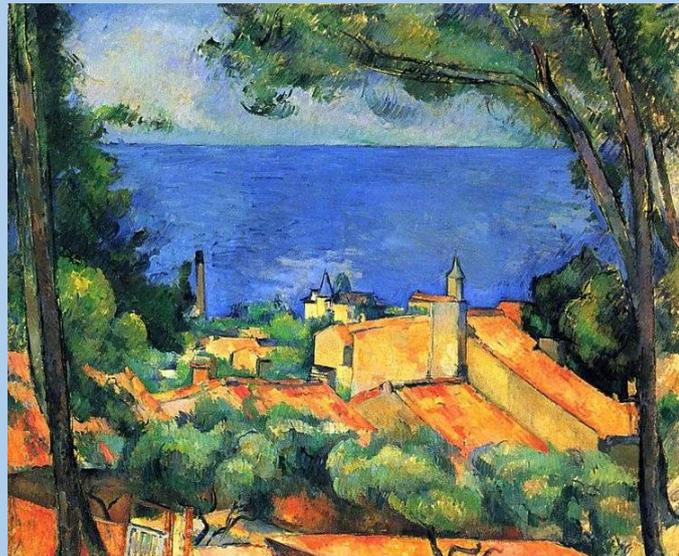
Os artistas sempre estavam buscando a maneira correta de expressar a realidade, ora a rea-

lidade era apenas o que se via com os olhos, ora a realidade era o que estava além do que viam os olhos. Se o homem tem sentimentos, logo estes são reais porque existem dentro do humano; então se o homem busca a realidade e descobre que os sentimentos fazem parte de sua realidade subjetiva, porque não apresentá-los e representá-los como realidade absoluta desprezando a forma comum?

Gauguin, Cezane e Van Gogh não caíram nessa cilada e conseguiram ter equilíbrio em suas obras de arte, juntando respeitosamente a realidade natural e a realidade subjetiva. Para os abstracionistas mais radicais, importava somente uma verdade existencial e desprezavam a forma alegando estarem livres de princípios rígidos e deterministas. Já os racionalistas só pintavam o que se podia ver com os olhos (natureza objetiva), deixando de lado a realidade da existência, alegando estarem livres de qualquer coisa que os prive de usar somente o raciocínio lógico ao representarem a realidade estrutural das coisas; as coisas como são na "verdade". Em ambos os casos, temos uma obra incompleta, pois, ora se tinha o material

e ora o imaterial funcionando separadamente.

Picasso teve seu *insight* de como representar o absoluto universal. Pode-se se fazer um paralelo de sua arte à noção de realidade estrutural de Platão. Picasso utilizou-se de alguns princípios geométricos para fazer o estilo Cubista. Assim, uma árvore seria uma árvore em sua estrutura, assim uma casa não seria uma casa específica, seria uma casa universal em sua estrutura, tudo dentro de uma ótica completamente racionalista. Mas ao mesmo tempo Picasso era paradoxal.



Paul Cézanne - *L'Estaque* 1883–1885

Em sua obra *Madmoiselles D'Avignon* demonstra pontos paradoxais, logo relativistas, pois, não faz apologia ao sexo e nem o rejeita, apesar de La Cal-

le de Avignon ser lugar de bordéis. Era uma arte que não era uma coisa, nem outra, era racional e irracional ao mesmo tempo. Não tinha mais compromisso com a realidade. Buscava o primitivo nas máscaras ibéricas e uma relação pura e simples com a natureza. Ele mesmo se livra do compromisso da realidade ao buscá-la às avessas.

As obras de Picasso foram ficando na mesmice e se confundiam com um quebra cabeça; estava em decadência e ele deveria tomar um rumo que decidiria o rumo da Arte de uma vez por todas: A conclusão de que não existia verdade.

Todos os artistas sempre estiveram buscando alguma verdade; até que Picasso chega e fala que a verdade é que não existe verdade e desvincula da arte todo seu compromisso de buscar o real, toda ligação com a realidade é rompida, mas não estaria ele também buscando a verdade ao dizer que *encontrou a verdade*, quando ela mesma não existia? A verdade é que sempre estamos buscando a verdade e quando não a encontramos sugerimos negá-la.

Picasso ultrapassou a barreira da realidade; a partir daí ainda ouvimos esses ecos que inauguram o estilo de vida a partir da irrealidade.



Wassily Kandinsky
Composition VII 1913



Picasso - Les Femmes d'Alger (O Version O), 1907

Isso implica uma leitura tão subjetivista que torna a obra egoísta e hedonista ao mesmo tempo. Embora tentassem fazer da arte algo imparcial e sem subjetividade alguma, era impossível, pois a Arte nunca é neutra, o ser humano nunca é neutro e não tem jeito de se fazer uma arte que não tenha nada do artista.

A arte moderna critica e tenta anular a ideia do artista visto como o profeta e sacerdote cultural, ainda que os artistas modernos continuassem a interpretar esse papel, mas sem a aura do heroísmo romântico, quando pré-figuravam a avalanche cultural que estaria chegando.

Chamado do artista: Trazer beleza e sensibilidade – diferente do mundo pragmático que cada vez mais está acabando com a sensibilidade - onde os valores se tornam funcionais.

A arte, ao invés de se manter na sua completude, começa a se reduzir na crítica, ela fica revolucionária, investe numa crítica ferrenha e acaba sendo reduzida e engolida por uma parte ínfima. A parte engole o todo.

A crítica enquanto conteúdo, dentre outros conteúdos, deve existir, mas a técnica e a habilidade não podem ser reduzidas a ela, muito menos excluídas.

Assim, a função do artista fica deslocada. Ser um artista cristão implica em colocar as coisas nos seus devidos lugares.

O artista que é cristão naturalmente começa a negar a arte moderna/ pensamento moderno. A arte moderna deu forma a uma corrente de pensamentos niilistas e desesperançosos em relação à vida.

Deu forma a ideia de que Deus está morto, que não existe nada que transcenda e que o homem é um absurdo. A arte Moderna dá forma a uma cultura que nega a existência de Deus e vive pelos sentidos humanos. Obviamente a arte moderna ampliou as necessidades técnicas, com o novo cenário social transformado pela inserção das máquinas, as necessidades são outras; a política e a economia são transformadas e com isso há necessidades de ampliação na maneira de se produzir uma obra de arte. A colagem, a serigrafia, os novos estilos como o cubismo e as novas formas arquitetônicas, só foram possíveis com o aparecimento da arte moderna, mas seu pensamento partia de uma visão totalmente anticristã. Então, ela trouxe coisas boas em relação à amplitude técnica, mas é errada quanto a suas questões temáticas.

* * * * *

Rafaela Senfft é artista plástica e professora de História da Arte. É membro da Igreja Esperança, em Belo Horizonte (MG). - Blog: www.rafaelasenfft.blogspot.com.br

Degelo

Sammy Reachers

Por ser um Pregador da palavra, fui resuscitado.

Eles utilizam o termo 'reiniciado', mas tanto faz.

Paretástase. O nome do problema. Não o meu: morri ou penso que morri em 2.057, em um acidente num quartel militar da União Europeia, onde eu era capelão. Uma explosão: só me lembro disso. Eles me relataram o resto: fui congelado numa câmara criogênica à espera de ser revivido, quando pudessem recriar *in vitro* órgãos para substituir os meus que foram comprometidos pela explosão.

Décadas se passaram. E eu, juntamente com uma dezena de outros militares que haviam sido congelados, ficamos à deriva no Tempo, esquecidos num bunker subterrâneo, sub-vivos apenas pelo fato de o complexo ser autogerenciado energeticamente, o que garantia seu funcionamento sem a interferência humana.

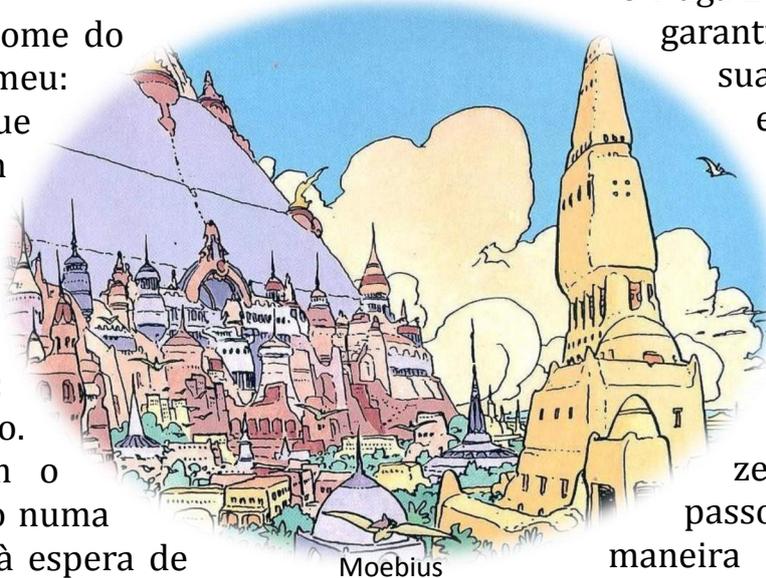
Mas voltemos à paretástase. Uma disfunção cromossômica, uma anomalia surgida no DNA alterado de toda uma cidade-estado. Efeito colateral causado por uma mutação induzida: para suportar as radiações gama, decorrentes da passagem do cometa Astianax C1b, em 2.129 o Naga Bei de Berlitz (um tipo de senhor feudal, comum nas cidades-estado e ligas citadinas surgidas na Europa depois do quase esfecelamento da civilização), resolveu alterar geneticamente toda a sua população, na época uns treze mil seres humanos, além de animais e híbridos. O objetivo era que

eles suportassem as radiações sem a necessidade de trajes especiais, pois todo o tetra-amianto requerido para a fabricação de tais trajes estava alocado na China, e o Império Chinês, fragmentado e conturbado em seus próprios conflitos, não o vendia para ninguém. O pouco tetra-amianto que havia, era fruto de contrabando.

O Naga Bei imaginava, além de garantir a sobrevivência de sua população fora dos edifícios e túneis, melhor capacitar suas tropas para atacar alguns adversários mais indefesos.

O plano deu certo: as mutações mostraram-se eficazes, a radiação gama passou a ser de alguma maneira metabolizada pelos organismos. Mas apenas dois anos depois surgiram, como numa epidemia, os múltiplos casos de paretástase. As células mutantes passaram a rejeitar algumas monoaminas, substâncias/moléculas fundamentais para a manutenção da vida. Os cientistas do Bei não conseguiram reverter o processo inicial de mutação, e nem impedir o avanço da nova enfermidade.

As Ligas Hanseáticas (a caricatura que restou de um organismo governante transnacional na Europa), cientes do problema, resolveram instalar uma *ainsterdome*, um tipo esquisito de domo ou barreira tecnobiológica, capaz de marcar, rastrear e eliminar (via biodrones) qualquer forma de vida. Neste caso, todos os habitantes de Berlitz foram marcados e isolados, impedidos de deixar o perímetro da cidade. A mutação era retransmitida de pais para filhos, e era de ordem das Ligas que ela não se espalhasse. Também não era do interesse das Ligas ajudar como fosse a população de Berlitz; seu líder era considerado *persona non grata* entre seus pares.



Aos cidadãos cerceados de Berlitz, restou uma sinistra perspectiva: apenas aproveitar como pudessem os meses de vida restantes, enquanto eram aniquilados pela degenerescência genética.

O Bei, homem antes pragmático e estrategista de excelência, estranhamente entregou-se a um soturno definhar: passou a viver uma vida de dissolução, gastando a metade de cada dia nas *druggegs*, os 'ovos' de realidade supra-virtual, onde o usuário poderia viver 'outra vida'. Ao menos até lhe acabarem os créditos.

Num dia menos cinzento, ocorreu a um de seus assistentes, burocrata com sanhas de erudição e agora inundado pela melancolia, falar-lhe do Rabi, do velho Rabi rejeitado por Israel. A princípio o Bei escarneceu do assistente, pois afinal isso era hora de ressuscitar as velhas religiões? Poderiam fazer algo por eles?

Mas dois dias depois o mesmo assistente trouxe o Livro. O Bei assustou-se: era um livro de verdade, uma relíquia ainda feita de papel! Passou a lê-lo, a princípio com desdém, mas depois com certa contrafeita sofreguidão. Então era isso o cristianismo? Confuso por vezes, mas por vezes valorosamente simples. Passou a acessar os poucos textos e vídeos sobreviventes no Terminal. Não muitas coisas restaram, em termos de arquivos eletronicamente armazenados, após a detonação da Grande Bomba de Pulso Eletromagnético.

O Bei achou as informações poucas. Mandou seu assistente procurar por mais livros de papel. Pesquisando por livros nos subterrâneos de Berlitz, o assistente encontrou o bunker. Pesquisando nos arquivos da câmara criogênica, ele encontrou algo que talvez surpreendesse o seu Bei: Não livros de papel ou arquivos eletromagnéticos ainda intactos, mas um pregador. Sim, um sacerdote ou shamã ou ministro cristão da corrente dita luterana, congelado logo abaixo deles, numa biocâmara (contra todas as probabilidades) ainda ati-

va.

E assim, por ser um pregador do Evangelho, eu fui ressuscitado.

II

A Bíblia de papel, ele deu-a para mim. Passei os seis primeiros dias isolado em sua fortaleza, apenas em contato com o próprio Bei, médicos e alguns de seu séquito.

No curto e cansado tempo livre de minhas noites, quando já não precisava dar atenção ao Bei, dedicava-me à oração, e a assimilar informações sobre os feéricos e terríficos eventos históricos decorridos desde minha 'morte' em 2.057; também buscava estudar e compreender, na medida do possível, as novas tecnologias.

Nunca iria imaginar, e tenho certeza de que nenhum de meus coetâneos, que a história do mundo seria tão atribulada, afigurando-se tão sobremaneira negra e sem sentido, àquela altura. Sempre acreditei que o Anticristo viria ainda no século XXI. Tudo estava tão encaminhado...

Quanto ao Bei, não foi senão no quarto dia após minha ressurreição que o Espírito Santo arrebatou-lhe as muitas trancas do coração, e ele, crendo, fez a confissão pública de Cristo. No sétimo dia pôs-me a pregar para seus funcionários. De uns trezentos que ele reuniu num salão, mais de duzentos saíram logo nos primeiros vinte minutos. Os demais ficaram até o fim: preguei durante hora e meia. Fiz o apelo: trinta e nove mãos levantaram-se.

No dia seguinte o Bei pôs-me para falar ao vivo nos *waysies* (os telefones neurais do futuro, ou melhor, de agora), para toda a população sitiada. Houve ampla rejeição; mas algumas boas dezenas de almas achegaram-se.

Iniciei então uma pequena igreja. Nos derradeiros meses seguintes, muitos outros se juntaram ao Corpo de Cristo nascente.

O Bei convertera-se realmente; para faci-

litar-me o trabalho, deu-me acesso à omnirede, um tipo de rede social a partir de onde era possível conhecer em diversos detalhes a cada uma das pessoas da cidade, pois fui *logado* na conta do próprio Bei, ou seja, a conta do administrador. Tive algum receio quanto à ética disto; a omnirede permitia-me vivenciar até alguns sentimentos e emoções dos usuários. Mas as almas precisavam ser salvas, exortava-me o Bei; não havia tempo. Eu não repetiria o erro cometido tantas e tantas vezes pela Igreja, que tardava em utilizar as tecnologias nascentes para a propagação do Evangelho, deixando por largo tempo seu monopólio para Satanás. Deus me perdoe se errei.

III

Neste mundo fundado na instabilidade, não sei por quem, muito menos onde e quando será lido este relato, se é que alcançará leitores. Mas creio ser sumamente necessário explanar um pouco sobre as tecnologias e o panorama histórico que encontrei em Berlitz, e no mundo que a abriga. Por onde começar?

Talvez pelo mais significativo, a omnirede. A omnirede era um tipo de ciber-psico rede social, quase uma rede telepática, mas operada por implantes neurais. Esses implantes neurais eram os *waysies*, os 'celulares' implantados em cada pessoa, ao completar doze anos. Eles permitiam a comunicação por áudio, imagens e até rudimentos do que se poderia chamar de sentimentos das pessoas, possibilitando interesantíssimas trocas empáticas, de uma maneira que não sei ainda explicar.

Trafegar com acesso de administrador na omnirede era algo assustador: sentia-me como Deus perscrutando as almas dos homens. E perdi o sono, e perdi a fome por dias seguidos; o embate ético era um tormento em meu coração... Mas o Naga Bei estava certo: aquelas almas precisavam de ajuda, conhecendo-as eu poderia compre-

endê-las em toda a sua cosmovisão, seus medos e terrores mais primais, e saberia contextualizar a mensagem redentora para cada qual. Elas não dispunham do tempo frouxo onde se desenlaçam as sutilezas. O Bei queria que eu pregasse como quem golpeia.

De dia eu pregava o quanto podia; à noite investigava as almas, febril em minha imersão, minha pulsão amorosa de poder alcançar cada coração, cada uma daquelas ovelhas genética e pneumatologicamente despedaçadas. Eu vivia à base de supressores de sono, pois não havia muito tempo, pois o tempo de Deus é sempre hoje.

O dinheiro em Berlitz não era totalmente eletrônico e individualizado, como em meu tempo; havia derivado (mas prefiro o termo involuído) para um tipo de cartão de dados, sem bio identificação e legalmente pertencente ao portador, os *nastorasts*, cujo valor titular era limitado. Não acedia a contas em bancos ou algo parecido, não era sequer um 'cartão de crédito' na acepção de meu tempo: cada cartão tinha os dados de valoração financeira inseridos ou 'carregados' em si, fixos e não reembolsáveis em caso de qualquer problema. Os valores poderiam ser inseridos em terminais situados na Casa Governamental, edifício onde se localizava não apenas o corpo governante da cidade, mas também muitos dos serviços públicos vitais. O Naga Bei atuava como 'banqueiro' ou controlador do sistema de cartões, que eram também aceites em outras cidades-estado circunvizinhas.

Os híbridos eram seres humanos mutantes, a quem foram acrescidos genes de animais, aprimorando características que se queria ressaltar, como tamanho, força e acuidades sensitivas (tato, olfato, visão etc.). Sua criação e proliferação estavam proibidas na maioria dos países e cidades-estado civilizadas e até nos ajuntamentos que poderíamos considerar semi ou pós-civilizados. Os que havia em Berlitz eram

refugiados, abrigados ali pela clemência e também pelo senso de oportunidade do Naga Bei, que usava alguns em seu exército.

Quanto à História e sua sucessão de desgraças, por onde começar? Primeiramente, deu-se o que já em meu tempo se assinalava prestes a acontecer: o governo da Terra foi unificado nas mãos de um Governo Global.

Mas entre todas as desditas que este mundo suportou desde meu congelamento até aqui, o mais tétrico e significativo é o fato de que houve uma Revolução Cultural Global, conhecida por *O Alinhamento*, promovida pelo Governo Mundial, e que assumiu características de guerra civil (armada em muitos casos, noutros apenas 'cultural') em diversos países (ou entes federados, como passaram a ser chamados desde que o mundo foi unificado em 2.071), apenas para varrer as religiões do mapa. O argumento do Corpo Governante era de que elas eram "fontes infinitas de conflitos, eterno freio ao progresso humano".

Entre mortos e mortos para sempre, a revolução saiu-se vencedora.

Os resultados foram variados em cada ponto da aldeia global. As mais prejudicadas, dentre todas aquelas ditas grandes religiões, foram o hinduísmo, que foi extinto, e o cristianismo, que desapareceu não de países, mas de continentes inteiros. Incluindo, inacreditavelmente, a Europa, seu segundo berço e antigo bastião. O islã sofreu reveses em diversos países, sendo extinto da África. Mas persiste em partes da Ásia e Oceania, e em minúsculos bolsões isolados no norte europeu. O budismo, restrito a esparsos focos dispersos pelo centro e sudeste asiático, sobreviveu apenas em sua corrente *il'jiyan*, forma sincrética que funde elementos do budismo e do islã, e que sequer existia em meu tempo, ou melhor, no tempo de minha *primeira vida*.

E o Governo Mundial por trás desta cruzada anti-religião colheu o que semeou: em menos de meio século a coesão mundial

sob a égide de um único governo esfacelou-se, e guerras de independência pipocaram por todo o orbe, atingindo até as colônias espaciais.

O preço pago foi um retorno da barbárie, cujo ápice negro deu-se com a detonação da Bomba de Pulso Eletromagnético de que já falei. Foi detonada por russos a partir da Lua, num último suspiro para tentar deter a avalanche atômica de que eram alvo por parte do Emirado da Chechênia, num dos eventos tardios da Guerra Transeuropeia, uma das muitas guerras que afloraram com a implosão do Governo Mundial. Mas a arma era potente demais; todo o planeta foi atingido. Em escala catastrófica, equipamentos foram inutilizados, informações armazenadas perderam-se. Num cenário já de décadas de hecatombe, impossível calcular quantos morreram apenas pelos eventos provocados pela detonação do aparato russo. Isto deu-se há seis anos atrás; neste momento em que me encontro, a humanidade está em pleno esforço de recuperação dos efeitos da bomba. E os embates bélicos generalizados ainda persistem, em macro e micro escalas, impossíveis de mapear num mundo nova e completamente fragmentado.

IV

Ao cabo de seis meses, todos os humanos e híbridos de Berlitz morreram. Foi terrível acompanhar a morte de toda uma sitiada cidade; foi ainda mais horrível *sobreviver*. Devido à omnirede, eu conhecia de certo modo 'pessoalmente' a todas aquelas pessoas, como já disse. Preferia ter morrido no gelo criogênico a ter conhecido esta gigantesca desolação. Mas o que digo?! Senhor, perdoa-me. Se este foi o método assustador que lhe aprovou utilizar para recriar sua Igreja, quem sou eu para questionar?

Vaguei por dias inteiros acompanhando os roboservs em sua busca por cadáveres para a cremação.

Treze mil duzentas e doze pessoas e sessenta e seis híbridos. Cujas almas senti sendo deslogadas enquanto navegava pela omnirede.

Há dezenas de anos, todos os que eu conhecia morreram, enquanto eu permanecia no gelo, aprisionado entre a vida e a morte. Agora, mais uma vez em minha vida, todos os que eu conhecia morreram, e o que me contém é um vácuo, a amargura embriagada do absurdo, que sorri e me abraça.

Estou só. Só contigo, meu Pai Silencioso.

Há uma tecnologia em Berlitz que permite a inserção de metadados diretamente na pele, um tipo de 'tatuagem' nanoeletrônica. Você pode acessar os dados de qualquer dessas tatuagens de dados usando um tipo de aplicativo dos waysies. Peguei um dos equipamentos tatuadores numa loja abandonada, programei-o e o fiz tatuar o nome de todos eles em meu antebraço direito, o nome das treze mil duzentas e setenta e oito almas que o Senhor confiou em minhas mãos. Ovelhas transgênicas por quem darei um dia conta. E também os *neuro-élans* de todos eles, ou seja, o conjunto de informações sociais e vitais, sentimentos e ideias, um 'resumo ontológico' daquela pessoa, que a omnirede salvava ou fazia o backup quando da morte de um usuário. Meu Deus, como explicar isso? É como uma 'fagulha' de uma alma humana, um rascunho de imortalidade. Conforme a programação, a inserção feita pela máquina em minha pele assumiu o formato de um signo cruciforme, uma estilizada cruz.

Entre salvos e condenados, tantas almas... Em meio a tanta tecnologia, almas mortas *pela* tecnologia. Tecnologia que prometera salvá-los. Mortas tão rápido.

V

E agora, o que fazer, Senhor? Pergunta retórica, pois sempre soube a resposta, ela foi descongelada comigo, e a bem da verdade foi ela mesma que me congelou e des-

congelou. Foi-me dada esta nova chance. Há um propósito e um tempo, seja um luminoso ou um maldito tempo, para todas as coisas debaixo do sol. Eis-me aqui, Senhor, no coração tecno-anárquico do caos, sob os olhares espantados da Morte-que-se-recusa-a-me-tocar, eis-me aqui... Esperava renascer num Milênio de gozo e paz junto a Ti, mas fui revivido num mundo apocalíptico, numa Europa tecnofeudal e arrasada. Não apenas num continente em ruínas, mas numa humanidade em ruínas.

Sinto-me como o apóstolo Paulo, sou-lhe anuviado um tipo; a luz que ele viu no caminho de Damasco eu vi na explosão em nossa base militar; o Ananias que lhe abriu os olhos, eu encontrei no Bei. Os três anos que ele passou no deserto da Arábia, são os 70 anos que passei em êxtase criogênico.

Recolho o que posso em *nastorasts* (os referidos cartões-dinheiro deles), alguns víveres, carrego as baterias de uma grande fluomoto e vou para fora. As barreiras das Ligas Hanseáticas terão que deixar-me passar, pois examinarão meus genes e ficará patente meu estado de ser humano 'puro', ou 'base', como eles dizem.

Nesta Europa desolada, onde as perseguições islâmicas de fins do século XXI e as posteriores perseguições culturais globais anti-religião, somadas à Guerra Transeuropeia, destruíram até os edifícios e monumentos que remetiam ao cristianismo, nela segarei. Não há mais igrejas lá fora, ao menos não neste continente. A que fundei aqui, nasceu e morreu em seis meses. Sou a Ekklesia de um homem só. Como ekklesia, faço o que devo: vou para fora.

Mas, *porventura darão crédito à minha pregação?*

Sammis Reachers é poeta, escritor, editor e antologista. Autor de seis livros de poesia e organizador de treze antologias, além de outras publicações, dentre as quais esta AMPLITUDE. Mantém o blog *Poesia Evangélica* ([AQUI](#)).

SEM ESTRELA

Carlos Nejar

A morte ia comigo e eu, com ela.
E vi o seu ridículo vestido,
o andar desajeitado e sem sentido,
o rosto com penteado de donzela,
sendo tão velha, velha, no ruído
de suas meias e sapatos de heras.
Então não resisti e me ri dela,
caçoava de seus gestos confundidos.
E desta sisudez que nada espera,
mas sabe que na vida um só gemido
pode fazê-la emudecer. Insisto
em rir de sua passagem sem estrela,
sem grandeza nenhuma. E se resisto,
é porque está em mim quem vai vencê-la.

CALEB

Rui Miguel Duarte

"Há anos que escrevo o mesmo poema"
J. T. Parreira

Sou ainda o mesmo que fui outrora
ainda hoje os mesmos olhos
olham por dentro das mesmas pupilas
e procuram o mesmo infinito

há quarenta anos que sonho
o mesmo sonho
que este passeia pelo monte e lhe cria
um nome, Hebron,
e o soletra letra a letra,
como o nome de um amigo, com
o mesmo suspiro em silêncio

há quarenta anos que espero
então era soldado e lavava
a espada no sangue de gigantes
hoje lavo-a na chuva
que se acumula no vale

sou o mesmo rosto furtivo
à viragem do vento e recalitrante
à passagem dos dias

há anos que escrevo o mesmo poema
que fala de promessas e de campos largos
e montes para conquistar
a mão do Senhor abrindo a minha
a pulso no papiro

os cabelos que hoje são brancos
já o eram então há quarenta anos:
embora mais longos

OS COQUEIROS

Júlia Lemos

Nunca pensei
pudesse ver nos coqueiros
coisas de tua alquimia.

Quanto de cálido
os coqueiros anunciam.
Nas palmas longas
-carregadas de coco, água-doce
e sombra,
essência de tua própria alegria.

O Chão da Poesia

Israel Belo de Azevedo

O que seria de nós sem os visionários inventores,
com suas estradas, máquinas, roupas e habitações?
Que faríamos sem os médicos, da vida portadores
e santos curadores de nossas dolorosas aflições?

Como teríamos aprendido sem os nossos professores,
de quem sorvemos as primeiras e mais importantes lições?
Como sobreviveríamos sem os insistentes vendedores
que nos seduzem com seus produtos cheios de facilidades?

Em nossos percursos são muitas as fotos na galeria,
se não penduramos nela a nós mesmos apenas.
A mais alta delas há de ser a dos que fazem poesia.

Como viver sem os poetas, cujas imagens, mesmo pequenas,
nos tomam pela mão e nos pastoreiam pela travessia,
o chão seja de pedras que ferem ou de folhas amenas?

(Em homenagem a Daria Glauca Vaz de Andrade,
26.12.1928 -- 7.10.2014)

Uma ética pré-cristã em Píndaro

João Tomaz Parreira

Píndaro, o maior poeta lírico da Grécia no séc. V a.C., representa o lirismo que impõe valores éticos na poesia, a fim de serem seguidos em excelência pelos homens.

A sua lírica coral perorava poeticamente sobre o que o poeta considerava excelência dos vencedores dos jogos pan-helénicos, celebrava com odes triunfais, não só quem vencia, mas os valores que se traduziam a partir das vitórias, que eram cantados e se espalhavam dos seus poemas para a música.

Na Grécia clássica celebrava-se a luta (àgonía / ἀγωνία) individual. Não havia jogos coletivos, nem vitórias em equipa. A honra ou desonra era individual, mas os pensamentos do lirismo de Píndaro ajustavam-se, sobretudo, à humanidade, ao coletivo dos homens.

Da sua obra poética, chegaram, passando pelas primaveras e pelos outonos das várias civilizações até à contemporaneidade, apenas quatro livros: *14 Odes Olímpicas*, *12 Odes Píticas*, *11 Odes Nemeias* e *8 Odes Ístmicas de Corinto*.

Em alguns dos versos das suas odes píticas – dedicadas aos heróis dos jogos em Delfos, onde se premiavam os vencedores com uma coroa de louro –, isolados do contexto que lhes é próprio e que lhes deu origem, e subtraindo os que eram dedicados a Apolo, antevemos essa excelência que, mais tarde, o cristianismo tornou universal e, muito antes, alguns livros sapienciais do Velho Tes-



tamento também universalizaram.

Píndaro, no conceito sobre o sagrado que os gregos possuíam, foi um poeta “próximo” dos deuses. Do poeta se dizia, no seu tempo e após a sua morte, que os sacerdotes, todas as noites, à hora do jantar, mandavam um arauto dizer: “Píndaro vem hoje jantar com os deuses”. Havia sempre uma mesa posta para o lírico, tal a excelência da sua poética de valores.

Antecipados assim de cinco séculos, em relação aos valores cristãos, o que lemos hoje é algo que, pela sua importância dos valores pronunciados, é transversal a religiões e a ideologias, porque estão no propósito divino da moral e da ética.

Um bom e inteligente governo em pro do povo

1ª Ode para Hierão de Etna: “Possas o homem que tem a chefia ordenar ao seu filho que, depois de recompensar o povo, o faça voltar à tranquilidade da concórdia” (4ª Antiestrofe); “Guia com leme justo a multidão.” (5ª Estrofe)

2ª Livro de Crónicas, 10:7: “Eles (os conselheiros do rei Roboão) disseram: Se te fizeres benigno para com este povo e lhes agradares e lhes falares boas palavras, eles se farão teus servos para sempre”.

O valor substantivo da verdade

5ª Estrofe: “Forja a língua na bigorna infalível da verdade”.

Salmo 91:4: “A sua verdade é escudo e broquel”.

Isaías 11:5: “(do Messias) a verdade será o cinto dos seus rins”.

O valor essencial da honestidade

5ª Estrofe: “Não te deixes enganar, amigo, com ganhos lucrativos mas de proveniência vergonhosa”;

Provérbios 3:35: “Os sábios herdarão honra”.

Eclesiastes 6:2: “O homem a quem Deus conferiu riquezas, bens e honra”.

I Pedro 2:12: “Tendo o vosso viver honesto entre os gentios”.

Condenação da luxúria

2ª Ode, 2ª Antistrofe: “O leito da luxúria atira-nos vezes sem conta para a miséria”.

Oseias 4:12: “porque o espírito de luxúria os engana”.

Hebreus 13:4: “Venerado seja entre todos o matrimónio e o leito sem mácula”.

Condenação da maledicência

3ª Estrofe: “É necessário que eu fuja à forte dentada da maledicência”.

4ª Estrofe: “As insinuações caluniosas são um mal inexpugnável para ambos os lados, semelhantes em tudo ao carácter de uma raposa”.

Provérbios 12:19: “A língua mentirosa dura só um momento”.

Provérbios 20:19: “O que anda maldizendo descobre o segredo” (isto é, descobre-se o seu carácter de mexeriqueiro).

Tiago 3:8: “Mas nenhum homem pode domar a língua. É um mal que não se pode re-frear; está cheia de peçonha mortal”.

Condenação da inveja

Epodo 4: “O invejoso põe a bitola alto de mais, e inflige ao seu próprio coração uma ferida dolorosa”.

Provérbios 14:30: “A inveja é a podridão dos ossos”.

Tiago 3:14: “Mas, se tendes amarga inveja,

e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade.”

As boas convivências

Epodo 4: “Oxalá possa eu conviver com homens de bem”.

Salmo 1: “Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios.”

O perigo das meias verdades

4ª Ode, Estrofe 5: “De que ventre venerável de entre os humanos, nascidos na terra, vieste? Não manches a tua origem com mentiras odiosas e diz-me quem são os teus.”

Génesis 12:13-19: “Dize pois que és minha irmã (...) Disse Faraó a Abrão: Que é isso que me fizeste, por que não me disseste que era ela tua mulher? E me disseste ser tua irmã?”

Na tradição destes hinos de Píndaro está a celebração do herói, a relação deste com o cântico não é o homem, mas os seus feitos. Estes são, pela sua própria natureza, temporais: um feito suplanta outro feito.

As referências à Sabedoria de Deus ao nosso dispor, essas são eternas e condicionam a vida do Homem.

Nestas Odes há a imitação da vida, porque se trata de arte. A prática dos valores éticos, segundo a Bíblia Sagrada, é vida. As lições éticas das Escrituras Sagradas mudam os costumes do homem, a Musa não.

Publicado anteriormente na revista [Novas de Alegria](#) (Portugal).

J.T.Parreira é poeta, escritor e ensaísta português. Autor de seis livros de poesia e diversos e-books. Escreve desde 1964 na revista [Novas de Alegria](#).

Mantém o blog [Poeta Salutor](#).

SIM! BRILHA A LUZ EM EMAÚS !

Heloisa Helena Zachello

Lucas 24: 13 ao 35.

Seus passos são lentos; seus pés doloridos.
Os ombros pesados, pra frente pendidos.
Buscam respostas, esses tristes feridos.
Retornam à vila, tão desiludidos...
Estão no pó, cansados, abatidos...

O pó da velha estrada de Emaús...

Que horrenda lembrança aquela da Cruz!...
Um dia viveram no gozo da Luz.
E agora ficaram sem Ela: JESUS!

Voltam eles assim, ao antigo destino.
O medo e a agonia lhes são desatino...
Caminham e choram. São muitos seus ais...
Estão sós... Dispersaram-se dos demais...
Sem rumo, enterram os seus ideais.

Como é amarga a volta!... Não bastasse a tristeza...
O que dirão os de casa, quando os vir na pobreza,
Na angústia e também na vergonha e dor?
Viveram a buscar ao **Deus** de Amor,
E agora lhes sobra total amargor...
Serviram ao **Mestre**, abnegados;
Recordam os milagres realizados...
Abandonaram tudo para **O** seguir.
Mas a morte chegara, e **O** fizera partir...

Eis que Alguém se aproxima daqueles andantes;
Não **O** reconhecem mais como antes.
“Que dizeis vós pelo caminho?” – é a pergunta formada.
Uma **voz** que jamais deveria ser olvidada!...
Assim os encontra **O** Dono da PAZ.
“Não sabíeis vós que enfim aconteceria
Tudo o que A Santa Escritura previa?
O que sentis vós? Do que vos queixais?”

Cada som das Palavras lhes anima a alma.
A angústia é trocada por imensa calma.
Momentos de inexplicável emoção!
Insistem que com eles entre e permaneça
Na casa onde chegam, antes que anoiteça.
Há surpresa celeste no partir do pão!!!
Agora descobrem que **QUEM** os consolou,
Morto esteve... **MAS RESSUSCITOU!!!**
?

SIM! BRILHA A LUZ EM EMAÚS !

SAL DA TERRA

Gióia Júnior

Moço, fuge da maldade
E de tudo o que ela encerra,
Guarda a tua mocidade,
Pois tu és o sal da terra.

Moço, faze da virtude
Companheira que não erra,
Guarda a tua juventude,
Pois tu és o sal da terra.

Ama a luz, odeia as trevas,
Busca a paz e fuge à guerra,
Muda a vida que tu levas,
Pois tu és o sal da terra.

Dos prazeres no delírio
Quanta vida não se aterra!
Oh! Sê puro como o lírio,
Pois tu és o sal da terra!

Transcendência

Eliúde Marques

Amor transcendental:
Verbo que se fez carne
E desceu ao âmago do inferno,
Rompendo a pretidão do abismo.

A carne rasgada
E o sangue que ainda escorre
Das veias do Verbo
Fazem o rio da vida eterna.

Cântico maternal

Maria Izabel Gonçalves

Filho, não vá! Fique aqui...
Um dia você quis ficar em meu colo pra
sempre.

Filho meu,
Hoje você engole fumaça,
Aspira veneno,
Tem por perto os que irão te matar.

Filhinho,
Eu conheço você,
Tenho aqui o abraço.
Volte correndo,
E te farei um chá.

E sempre há mais lágrimas em mim,
Dentro de uma mãe há um rio.

Por Amor

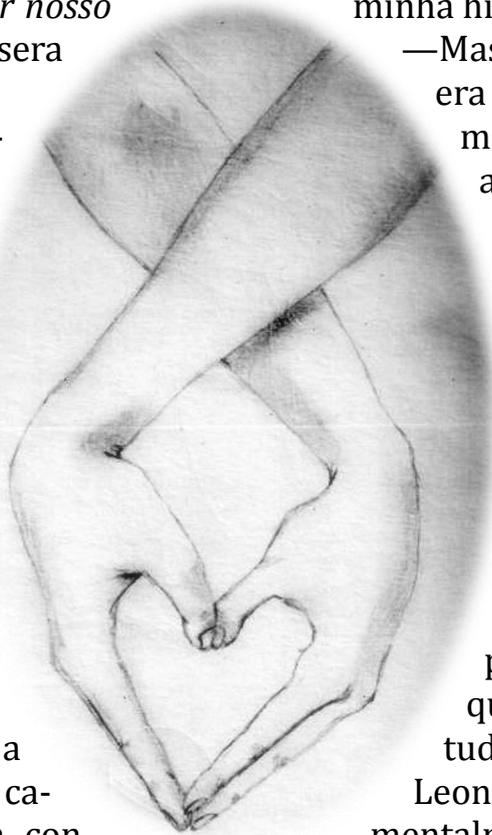
Hêzaro Viana

A jovem Fabíola chegou em casa extremamente triste em uma noite de domingo, após o evento do grupo de jovens, na igreja. Naquele dia, seu noivo, o jovem evangelista Marcos, fora o palestrante. Ele estava na cidade a fim de levar a noiva para conhecer a casa que ele comprara, e o reverendo da igreja de Fabíola aproveitara para convidá-lo a ministrar naquele dia. *Vou levá-la para conhecer nosso ninho, nosso refúgio* – ele dissera ao chegar da capital.

Fabíola estava acompanhada de Ivete, esposa do reverendo, e a mãe a recebeu na sala. — O que houve? – perguntou Leonor.

Ivete se despediu e Fabíola contou para a mãe o motivo de sua tristeza.

Fabíola era a filha mais velha de Leonor e Almir, empresários do ramo de vestuário e proprietários de diversas lojas pelo Estado. Aos vinte e cinco anos, estava noiva de Marcos, aspirante a pastor de jovens, que vivia na capital. Conheceram-se em um congresso e apaixonaram-se. Magra e um tanto alta, tinha cabelos negros e lisos que gostava de manter longos e, de vez em quando, os deixava ondulados no salão de beleza. O rosto era bem parecido com o do pai, e ela sempre achava que aquela fisionomia combinava mais para um homem. A pele era branca e sedosa. Era também muito inteligente, formada em Publicidade e Propaganda, e com seus conhecimentos ajudava muito no crescimento das empresas da família.



—Mas ele não quis sequer ouvi-la? Como ele pôde fazer isso? – Leonor acariciava os cabelos da filha que deitara em seu colo, no sofá.

—Ah, mamãe! Por que demorei tanto a contar para ele o meu segredo?

—Não fique assim, filha. Ele ainda vai reconsiderar, tenho certeza.

—Jamais, mamãe! – Fabíola não conteve as lágrimas. — Não sou virgem – falou tristemente com os dedos sobre os lábios. — E sei que ele sonha em casar-se com uma moça virgem. Marcos defende a virgindade como poucos. E também todo o resto da minha história é assustador.

—Mas você foi violentada! Tudo era desfavorável e você quase morreu. Acredito que Marcos ainda entenderá. Vocês se amam tanto!

—Você sabe que não foi bem assim, mamãe. Eu facilitei.

—Não quero que se culpe novamente. Isso é passado. Você errou, mas vivemos um milagre. Quanto ao Marcos, se ele a ama e se é o homem que Deus tem preparado para você, ainda que se assuste, entenderá e tudo dará certo.

Leonor abraçou a filha e pediu, mentalmente, que Deus a ajudasse.

∞∞∞∞

...Antes

Fabíola esteve tensa durante toda a manhã de domingo. O dia amanhecera nublado, o que a deixava ainda mais triste, pois parecia dizer-lhe *não*. Perto do meio-dia, foi com a mãe ao aeroporto buscar Marcos.

— Suas mãos estão muito frias – disse ele ao beijar os dedos da noiva. *Estou tão tensa!* – ela pensou, sorrindo.

Em casa, durante o almoço, falaram sobre assuntos diversos e principalmente sobre o ministério cada vez mais promissor do jovem evangelista.

Marcos era simpático, mesmo com a pose de intelectual, herança da mãe que era maníaca por ordem, limpeza e regras de etiqueta. Os cabelos negros e lisos eram penteados para o lado direito e estavam sempre impecavelmente aparados, como também a barba. As grossas sobrancelhas, unhas e dentes também estavam em ordem, e a pele branca, denunciava que era alguém que raramente se expunha ao sol. Ele gostava de tudo em si e tomava muito cuidado com a alimentação, porque do pai, herdara a tendência a ser meio rechonchudo, mas na casa da noiva não fez cerimônia e, mesmo com moderação, comeu de tudo.

Na sala de estar foi servido o café e depois o casal pediu licença, retirando-se para o imenso quintal da casa.

—Está tão calada, querida. Está tudo bem?

—Sim – respondeu Fabíola.

—Ótimo. Estive pensando... Onde gostaria de passar a lua de mel?

—Penso que seria bom em uma das praias do nordeste. E você?

—Eu concordo.

—Ou poderemos ir para a Argentina – Fabíola deu nova opinião.

—Isso também seria ótimo. Conheço bons lugares lá.

—Podemos decidir isso outro dia? – ela perguntou docemente. — Porque agora eu queria curtir sua visita.

Marcos a abraçou e beijou-a rapidamente como sempre fazia, dizendo o quanto estava feliz e ansioso pelo dia do casamento. — Faltam tão poucos dias! Já pensou em como será bom estarmos juntos o tempo todo?

Fabíola sorriu e o abraçou com força. Um temor tomou conta do seu coração e ela chegou a abrir a boca para contar sua

história para o noivo. — Sabe? – ela começou. — Eu...

—Pode falar – olhou-a atentamente.

Fabíola, temerosa, decidiu esperar um pouco mais para revelar seu passado. Talvez à noite tivesse mais coragem. — Eu te amo muito. É isso – ela falou e acariciou o rosto do amado.

—Eu também te amo. E depois de casados eu a amarei ainda mais – ele exibiu um sorriso largo e beijou-a mais uma vez.

Durante o banho, Fabíola decidiu contar ao noivo toda a sua história e queria fazê-lo antes de irem à igreja. Perto das dezenove horas, ela e a família desceram e o encontraram na sala. Estava linda, em um vestido verde-musgo e sapato preto de salto médio. Os cabelos estavam soltos, a maquiagem leve. Ela sorriu ao vê-lo.

—Está linda, meu amor! – ele a cumprimentou com um beijo no rosto. — Podemos ir? Não quero chegar atrasado.

—Preciso falar com você – ela respondeu, conduzindo-o para sentar-se enquanto a família se retirava.

—Está tudo bem?

—Sim... Aliás, não sei. Preciso lhe contar algo, mas... estou em dúvida, tenho medo de feri-lo, de magoá-lo – ela cruzou as mãos sobre as pernas.

Marcos aproximou-se, ficando tenso. — Arrependeu-se do noivado? Precisa de mais tempo?

—Não! Casar com você é tudo que eu quero – olhou-o, aflita. — Eu apenas tenho um... – Fabíola não conseguia continuar. — Eu tenho medo!

Marcos sorriu. — Meu amor, é normal que as noivas tenham medo de se casar, principalmente no nosso caso, já que viveremos longe de sua família. E agora, faltando pouco para o nosso casamento, sua ansiedade deve ter aumentado e muito. Mas é normal! E está tudo bem – ele segurou-lhe as mãos que de novo estavam geladas.

—Eu não sei. Isso é muito sério – Fabíola largou a mão do noivo. — Temo decepcioná-lo...

—Jamais, meu amor. Como eu disse ao seu pai, sei que Deus preparou você para mim, tudo está nas mãos Dele... – Marcos olhou o relógio em seu pulso. — Precisamos ir, meu amor. O trânsito deve estar terrível e não gosto de chegar atrasado – Fabíola assentiu. — Me dê sua mão – ele fez uma prece pedindo paz ao coração da amada, declarando que teriam um casamento feliz.

Fabíola chorou durante todo o evento e mais ainda quando Marcos palestrava. Amava o noivo e não era sua intenção casar-se com ele sob uma mentira, ele não merecia isso, era um homem temente Deus, sincero e honesto, e a amava de verdade. Mas o que fazer?

Após o culto, o reverendo Cícero e sua esposa cumprimentaram Fabíola. — Está chegando o dia, hein! – Ivete sorriu-lhe.

—Sim, está. Estou tão ansiosa!

—É assim mesmo, querida. Lembrome como se fosse hoje do dia do meu casamento. Quase surtei.

—Imagino.

—E quanto àquele assunto? – o reverendo perguntou.

Fabíola olhou em volta e viu que Marcos aproximava-se deles. Com o coração acelerado, respondeu: — Já está tudo certo. Estou muito feliz – ela não tinha a intenção de mentir, só não queria estar mexida quando o noivo se aproximasse.

Contarei tudo agora, durante o nosso jantar – pensou, decidida.

Seu plano não deu certo. O reverendo convidou-os para jantar com ele e sua esposa, e Marcos aceitou.

Foi mais um período de intenso sofrimento para Fabíola. O noivo, animado, falava dos planos e projetos para depois do casamento.

—Agradeço sempre a Deus pela vida de Fabíola. Com ela, não viajarei mais sozi-

nho e, unir família e ministério, para mim sempre foi um sonho – dizia ele orgulhoso, e tudo a afligia, porque considerava, angustiada, a possibilidade de Marcos não mais querer casar-se com ela após saber do seu passado.

Mas que culpa tenho eu? – procurava consolar-se com o argumento de que era jovem na época e que fora terrivelmente iludida por um rapaz mais velho.

Caminhavam para o estacionamento após o jantar. Fabíola e Ivete seguiam na frente. Marcos e o reverendo iam logo atrás.

—Estou bem animado e feliz. Após o casamento, novos campos nos aguardam – falava Marcos.

—Devo lhe dar os parabéns, meu jovem. Não tem muita gente por aí que agiria como você ao saber do passado da noiva – o jovem olhou-o de lado. — Mas este é o caminho para a felicidade, o perdão, sempre. Fique tranquilo, há anos que Deus a libertou. Fabíola nunca teve e nunca terá uma recaída.

Marcos sentiu o coração estremecer. — Recaída? – falou sem muita expressão.

—Sim, muitos ex-viciados têm recaída, até mesmo anos depois, mas com Fabíola a obra de Deus foi completa. E como Ele sabe o que faz, não permitiu que aquela criança nascesse. Só Ele sabe como viria o bebê após a ingestão de tantas substâncias químicas... Mas Deus é bom, vocês terão um casamento abençoado.

—Como assim? – Marcos fitou o homem grisalho. — Não estou entendendo.

—Não precisa se envergonhar do passado dela, filho. As drogas, o álcool, a gravidez... Hoje sabemos que tudo foi permissão de Deus para que um grande milagre acontecesse...

—Drogas, gravidez... – Marcos, já tremendo, o interrompeu. — Que história é essa, reverendo?

—Ai, ai, ai. Não acredito! Você não sabe de nada disso?

Ele fez que não com a cabeça.

— Céus! – o reverendo pôs a mão no queixo. — Me perdoe. Achei que Fabíola tivesse lhe dito. Já está tão perto do casamento que...

— Que história é essa?

— Filho, você e Fabíola precisam conversar. Agora! Estarei em meu carro. Qualquer coisa é só chamar.

Marcos caminhou pesadamente até Fabíola. Ela soube que algo tinha acontecido assim que ele chegou perto dela, olhando-a como nunca antes. — Fabíola! – falou, parecendo cansado. — O reverendo me disse algo terrível que... Eu nem sei o que dizer ou perguntar... Enfim, o que houve com você no passado? Que história é essa de álcool, drogas e até de gravidez?

Fabíola sentiu as pernas enfraquecerem e teve dificuldade para respirar. Como executiva, era capaz de tomar grandes decisões na empresa dos pais, mas, para revelar seu passado ao noivo, sentia-se encurralada. Ivete olhou-os assustada e não saiu do lugar.

— O reverendo! – exclamou Fabíola sem entender o porquê de ele ter falado com Marcos sobre seu passado. Lágrimas vieram-lhe aos olhos e correram rapidamente pela sua face. — Marcos, por favor, tente me ouvir!

— Isso é verdade? Você teve uma vida que esconde de mim? – mesmo sem querer, Marcos deu um passo atrás e balançou a cabeça. Sentiu que o chão desapareceu de sob seus pés e teve náuseas. — Por favor, diga que não é verdade!

Fabíola viu os olhos do noivo ficarem vermelhos e ele apertou o nariz, como se quisesse evitar as lágrimas.

— A história que eu soube sobre seu passado. Vamos, diga que não é verdade. Ou é? Fabíola, com um esforço enorme, deu um passo até ele. — Meu amor, precisamos conversar.

— Não quero conversar, quero somente que me conte a verdade. E que me diga

que o que o reverendo acaba de me contar é um grande engano.

Sentindo o golpe das palavras como um soco em seu estômago, Fabíola parou e tentou manter os olhos firmes nos do noivo, mas não conseguiu, porque toda a expressão corporal dele a julgava culpada.

— Não pode, não é? Não pode dizer que não é verdade porque simplesmente é verdade – ele concluiu, sôfrego, e olhou para o céu. — Meu Deus, por quê? – encarou-a novamente. – Quero ouvir de você. É verdade?

Uma dor aguda no peito de Fabíola a fez olhar para o outro lado e respirar fundo. O noivo, sempre amável, agora usava um tom imperativo na voz que, ao invés de lhe pedir, ordenava que lhe dissesse a verdade. Voltou a olhar para ele. — Sim – Fabíola respondeu num fio de voz e olhou derrotada para o chão.

O reverendo se aproximou.

Os ombros de Marcos arquearam-se para a frente. — Como pôde mentir para mim dessa forma? – a decepção dele era quase palpável.

— Não menti! Eu não lhe contei, mas também não menti.

— Mentiu sobre toda sua vida me fazendo acreditar ser alguém que você não é – Marcos pôs as mãos na cintura e deu mais um passo para trás. — Tem ideia de que nos *casaríamos* em algumas semanas e eu não conheço você nem um pouco? – Fabíola começou a chorar convulsivamente. Ele continuou: — O que pretendia? Esconder isso de mim até morrermos?

— Não! Eu ia lhe contar toda a história.

— Quando? Em nossa noite de núpcias? Que romântico!

— Amanhã, quando fosse conhecer a nossa... – não tendo mais certeza de que se casariam, Fabíola reformulou a frase. — Quando fosse conhecer a casa que você comprou.

— Seria lindo! – ele abriu os braços e ergueu ambas as mãos, rindo nervosamente.

—Seria a cena mais romântica de que tenho conhecimento – a ironia dele a feriu.
— Ora, Fabíola, sou crente, pregador e prefiro confiar nas pessoas, mas não, não sou idiota. Quer mesmo que eu acredite que me contaria antes de nos casarmos? Acho mesmo que nunca me contaria. E a sua família... Tantas exigências com namoro, noivado, com uma integridade que não existe...

—Marcos, por que não tenta ouvi-la? – o reverendo queria poder ajudá-los.

—Ouvir? – ele repetiu indignado. — Eu deveria ter ouvido tudo no início do namoro e não agora, às vésperas do meu casamento – ele deu mais um passo para trás, então virou-se e saiu.

—Marcos! – Fabíola chamou. Ele parou e olhou para ela. — Vai embora assim? Não quer nem me ouvir...? – ela chorava. — Ele me enganou. Disse que me amava, eu era nova e me apaixonei. Ele era usuário de drogas e eu fui junto. Quanto à gravidez...

—Não quero ouvir – Marcos também chorava. — Muita coisa para se entender de repente... Para mim acabou, o noivado acabou – Marcos caminhou rapidamente sem dar ouvidos à voz de Cícero que o chamou duas vezes. Sinalizou para um táxi e partiu.

Fabíola, sem forças para ir atrás dele, jogou-se nos braços de Ivete que a levou para casa.

∞∞∞∞

Na segunda-feira da semana seguinte, Fabíola e a mãe chegaram à casa dos pais de Marcos, às duas horas da tarde. Fabíola teve vontade de fugir correndo, ante a imponência da casa em estilo colonial que representava bem a família tradicional e exigente que ali residia.

A empregada as conduziu à sala de estar. Leonor e a filha esperaram por mais de dez minutos que alguém aparecesse e a tensão cresceu junto com a certeza de que não eram bem-vindas ali.

—Boa tarde! – Marcos finalmente apareceu. A mãe o acompanhava.

—Boa tarde! – cumprimentaram juntas Fabíola e a mãe, levantando-se.

—O que queriam falar conosco? – perguntou a mãe do rapaz sem convidá-las assentarem-se novamente.

—Viemos pedir perdão – Leonor respondeu prontamente.

—Meu filho sofreu, emagreceu, como podem ver – olhando para o ex-noivo, Fabíola percebeu que ele realmente estava um pouco mais magro. A mãe protetora continuou: — Mas nós já as perdoamos. Talvez não seja o tipo de perdão que vieram buscar, mas é o que podemos oferecer. E meu filho está muito ocupado agora – ela completou, sabendo que Fabíola ansiava pela reconciliação.

—E Fabíola está muito arrependida – falou Leonor.

—Um tanto tarde para arrepender-se, porém, a intenção é o que vale – a mãe de Marcos não olhava para Fabíola.

—Eu não penso assim – rebateu Leonor. — Penso que nunca é tarde para nada.

—Há ocasiões em que *nós* decidimos se é ou não tarde – objetou a mãe do pregador.

—Ainda assim, gostaria que nos ouvissem. Viemos nos explicar e...

—Entendemos tudo. Na verdade, meu filho entendeu, e da pior maneira possível. Fabíola estava impaciente porque nunca imaginou que Marcos fosse se comportar daquela maneira passiva em sua visita.

—O que Fabíola fez, e o restante da família apoiou, foi terrível.

—Não apoiamos. É isso que quero entender. O tempo todo dissemos a ela que falasse sobre seu passado para Marcos.

—E como ela foi desobediente, esse papel automaticamente passou a ser seu e de seu esposo. Era uma questão de honra para nós.

—Graças a Deus somos uma família honrada. Por isso estamos aqui.

—Agradecemos a consideração e repito: já perdoamos vocês.

—Mas quero falar sobre o que minha filha viveu...

—Não, mamãe – Fabíola resolveu interromper e só então Marcos olhou para ela.

— Deixe que eu mesma fale. E quero falar a sós com Marcos.

—Por quê? – perguntou a mãe dele.

—Está tudo bem, mãe – ele falou fazendo um sinal com a mão e ela chamou Leonor para uma outra sala.

—Sente-se, por favor – Marcos indicou o sofá para Fabíola e ele sentou-se numa poltrona na lateral.

Sozinha com ele, o nervosismo voltou com força total e um pouco de vergonha tentou impedi-la de falar, mas sabia que aquela seria sua única chance e devia aproveitar ao máximo o fato de Marcos ter aceitado ouvi-la.

—Tenho sentido tanta saudade – Fabíola começou falando e ele sequer se moveu.

—Sei que errei e preciso muito que me perdoe.

—Sabe que tem o *nosso* perdão – ele falou deixando claro que a decisão de perdoá-la foi tomada em família e não somente por ele.

—Obrigada – Fabíola esforçou-se para não chorar. — Tive vergonha de falar do meu passado. No começo, não achei que nossa história fosse ficar séria e resolvi adiar, depois, não tinha mais coragem. Todos os dias me martirizava o fato de não estar sendo sincera, de estar omitindo minha vida do homem que eu amava – ele olhou para ela nesse momento. — E isso era terrível. Sabendo o quanto você preza os bons costumes e a virgindade, ficava muito mal toda vez que pensava em contar o que me aconteceu – Fabíola esperou, e como Marcos se mantivesse calado, ela prosseguiu. — Me apaixonei por um rapaz da faculdade. Eu tinha dezessete anos. Ele era viciado em drogas e não demorou muito para eu estar viciada também, mas uma série de fatores me levou a isso

– agora Fabíola chorava um pouco. — A gravidez foi... Eu não levei uma vida promíscua nesse aspecto. Ele me embebedou e me forçou. Um estupro, na verdade. Como eu lutaria contra um homem? E ainda estava alcoolizada. Mas foi uma única vez, só uma única vez e sem envolvimento emocional algum. Eu o odiei naquele momento – Fabíola parou para recuperar a fala porque a voz embargara ao relembrar a triste história. — Dias depois, descobri que estava grávida e queria morrer. Perdi a criança por desnutrição. Quanto ao meu namorado, a polícia o encontrou morto em um mata-gal, não muito depois disso. Traficantes para os quais ele devia o mataram – Fabíola retirou da bolsa um lenço branco e secou os olhos. — Também nesse tempo, papai foi vítima de um sócio que lhe aplicou um grande golpe e ele quase foi preso, acusado de sonegação de impostos. Só livrou-se da prisão porque seus advogados provaram que o contador da empresa e o dito sócio o haviam traído durante um bom tempo. No auge do desespero, papai e mamãe conheceram um casal que dizia que Deus tinha solução para tudo, e, após ouvirem sua própria experiência com Deus, eles começaram a ter esperança de melhoras, para mim, principalmente, e Deus fez um milagre me libertando e salvando a todos nós. Este é o resumo de tudo o que me aconteceu. Estou feliz por ter finalmente contado a você.

Marcos ajeitou-se na poltrona e olhou para a porta: — Amava.

—Não entendi – Fabíola inclinou-se para a frente.

—Você disse que eu era o homem que você *amava* – ele voltou a olhá-la.

—Disse. E ainda o amo muito. E penso que essa será a minha condição para sempre: amá-lo.

Marcos teve um desejo enorme de dizer que ainda a amava também, que a perdoava e que a queria de volta para si, mas a ferida, aberta, o impedia. — E que tipo de amor é

esse que faz sofrer, que evita a sinceridade e destrói sonhos? – ele perguntou, reprimindo seu sentimento verdadeiro.

—Eu sei. Fui egoísta. Mas se quiser, podemos recomeçar e da maneira certa desta vez. Sem segredos.

—Não dá – Marcos não tinha mais a altivez do início da conversa, falava calmo e estava um pouco curvado. — Não dá. Ainda existe o sentimento, mas tomei a decisão de esquecer tudo.

—Esquecer? Me desculpe, mas esse é outro grande exemplo de amor que faz sofrer. Covarde até.

—Não sou covarde. Sou um homem, e o golpe que levei não foi fácil. E pensar que o reverendo, uma pessoa estranha para mim, conhecia mais da minha noiva do que eu jamais sonhara... Minha dignidade foi posta à prova e escolhi sair dessa história com ela intacta.

—Tudo isso é medo de assumir que tem uma noiva que foi uma drogada, que teve um filho em seu ventre? Que não é mais virgem? Que Deus libertou? É isso que chama de dignidade? Eu chamo isso de covardia, sim, de medo de sofrer ou de encarar seus próprios preconceitos.

—Chame como quiser porque sofrendo já estou. Pensando bem, se o amor e a felicidade não são eternos, em alguns casos pelo menos, também o sofrimento não será. Logo estarei bem, e você também, acredite.

—Certo, não pretendo insistir. Tudo o que diz respeito ao amor tem de ser livre, espontâneo – Fabíola levantou-se. — Quanto à casa que você comprou, estou disposta a lhe ressarcir o dinheiro investido. Tenho aqui um cartão do meu advogado, se quiser tratar direto com ele...

—Não se preocupe quanto a isso. A casa já foi posta à venda e a imobiliária avisou que tenho algumas boas propostas. Obrigado – Marcos falava calmo e educado, mas seus olhos demonstravam irritação.

Fabíola então entendeu que seu romance com Marcos havia realmente acabado e

isso doeu-lhe como uma punhalada. Colocou a bolsa no ombro esquerdo e depositou o cartão no braço da poltrona. — Mesmo assim quero que fique com o cartão. Vou viajar por um tempo e não sei quando voltarei. Se mudar de ideia, ligue para o advogado, ele é de total confiança e já foi orientado sobre o assunto – Fabíola estendeu a mão para ele.

—Seja feliz, Marcos. Desejo isso de verdade.

Marcos demorou um instante para apertar a mão dela e, quando o fez, por pouco não

a puxou para si. Queria muito tê-la nos braços de novo. *Deus, como eu a amo!* – pensou. Ao fim, falou: — Obrigado. Desejo o mesmo a você – e se retirou da sala.

∞∞∞∞

Marcos estava em casa depois de mais de uma semana palestrando para jovens em diversos lugares do país. Enfim, tivera uma folga e dormira até mais tarde. Ao acordar, seus pensamentos voaram direto para o último dia em que vira Fabíola e a deixara partir sem reconciliarem-se. Todos os momentos que vivera com a ex-noiva passaram diante dos seus olhos, causando um aperto em seu coração. Na sala de estar, encontrou um recado avisando que deveria ligar para a corretora de imóveis o mais rápido possível.

Tinham um comprador que gostaria de assinar o contrato àquela tarde. Enfim, se desfaria da única coisa que ainda o ligava a Fabíola, a casa. *Assim que assinar os papéis da venda, esquecerei dela por completo* – pensou.

Os pais chegaram pouco tempo depois disso e o chamaram para o almoço. Ele avisou que naquela tarde venderia a casa.

— Você ainda gosta dela, filho? – perguntou o pai num determinado momento. Marcos endireitou o tronco e olhou de um para o outro limpando a boca com o guardanapo de tecido.

—Amor, hoje a casa será vendida, isto é, essa história já é passado – a mãe falou antes que ele pudesse responder ao pai.

—Mas Marcos está calado. Ainda ontem, quando falamos ao telefone, ele estava normal, falando e rindo bastante. Parece que ter encontrado um comprador para a casa o deixou assim, murcho.

—Ele está cansado. Viajar de um lado para o outro e dormir em hotéis, não parece, mas é uma tarefa desgastante.

—Eu ainda acho que Marcos não esqueceu Fabíola.

—É, pode ser. Mas hoje, a casa que era para ser dos dois, será vendida. E por decisão de Marcos. Não demorará até que ele encontre um novo amor. Na nossa igreja mesmo, há garotas que gostam dele, e delas conhecemos um bom tanto da vida e do passado. Marcos tem muitas opções.

—Já perceberam que eu estou bem aqui e que vocês estão falando de mim como se eu estivesse palestrando no Japão? – Marcos falou e levantou-se em seguida, retirando-se da mesa. Trancou-se no quarto depois disso.

Deitado na cama, chorou até que a frustração passou. Pediu a Deus que o fizesse esquecer Fabíola de uma vez e ficou confuso quanto às confirmações que ele julgava ter recebido de Deus em relação ao seu casamento. Cansado, adormeceu. Sonhou que caminhava feliz, ao lado de Fabíola, por um belo caminho de terra que terminava em um enorme aglomerado de pessoas que esperavam para ouvi-lo. Acordou com a mãe batendo à porta, avisando que deveriam ir.

∞∞∞

Durante o trajeto até a corretora, Marcos foi pensando no sonho que tivera e imaginou por onde andaria Fabíola, pois ela mesma dissera que viajaria por uns tempos. Ao seu lado, a mãe tentava convencê-lo de que vender a casa era o melhor que poderia fazer para então poder recomeçar em uma nova relação amorosa.

—Não quero falar sobre isso agora, mãe – ele respondeu sem desviar a atenção da direção do carro, e não conversaram mais até chegarem.

O corretor os recebeu com um amplo sorriso e os conduziu à sua mesa onde o casal comprador aguardava ansioso. Depois, o homem perguntou quem assinaria primeiro e a mãe de Marcos disse que ele assinaria. Ele olhou-a surpreso.

—A venda da casa é um recomeço para o meu filho – a mulher sorriu.

Marcos pegou o contrato e releu seus dados. Seguiu-se breve silêncio e então ele falou: — Não vou assinar – largou os papéis sobre a mesa.

—Como? – a mãe perguntou.

—Certo. Não quer ser o primeiro? – o corretor assentiu.

—Não. Não vou assinar porque não quero mais vender a minha casa – Marcos pediu desculpas ao casal que estava confuso de repente.

—Filho, você pode comprar outra casa quando tiver uma pretendente.

—Eu tenho uma noiva, mãe – Marcos levantou-se. — Eu tenho uma noiva e eu a amo. Vou me casar com ela. Você vem comigo?

—Para onde? – a mãe estava chocada.

—Vou à casa de Fabíola. Preciso falar com ela urgentemente.

—Não, não vou. Você sabe que eu apoio qualquer decisão que você tomar, mas eu vou voltar para casa.

—Me deseje sorte então, mãe – Marcos pediu, beijando a mãe no rosto.

Mesmo relutante, a mulher desejou-lhe sorte. — Tudo o que quero é que seja feliz. Vá com Deus.

Dirigindo um pouco acima da velocidade permitida, ele ia torcendo para que a ex-noiva ainda não tivesse viajado.

No fim da tarde, Marcos chegou à casa dos pais de Fabíola.

Leonor informou que sim, Fabíola tinha viajado com uma prima e que não autoriza-

ra a mãe a repassar seu itinerário a qualquer pessoa que não fosse da família.

—Sei que errei e peço perdão pela maneira como tratei a senhora e sua filha, mas eu nunca deixei de amá-la...

—Mesmo assim não posso dizer onde Fabíola está.

Almir chegou nessa hora e estranhou a presença do rapaz. — Fabíola está viajando – disse ele, cumprimentando-o.

Marcos explicou o motivo de sua visita, e que Leonor se negava a lhe dizer onde a filha estava.

— Diga a ele – autorizou o homem.

Relutante, Leonor anotou as informações num papel e o entregou ao moço que saiu correndo.

— Vá com Deus! – gritou Leonor quando ele entrou no carro.

○○○○

Era noite quando Marcos conseguiu finalmente encontrar o endereço onde Fabíola estava, na capital. A chácara localizava-se do outro lado da metrópole em uma área que parecia estar fora da cidade, quase rural. Uma estrada de terra, contornada por árvores diversas, levava a vários sítios e chácaras, dentre os quais estava a que Fabíola visitava.

Marcos parou diante do imenso portão de madeira pintado de branco e leu a inscrição *Chácara Jardim de Deus*, entalhada naquilo que um dia fora um belo caule. Espiou pelas frestas o caminho que certamente dava na casa, mas não podia vê-la dali. Acionou a campainha várias vezes e esperou por um longo tempo. Cansado e com fome, resolveu voltar, mas não foi para casa. Hospedou-se em um hotel nas redondezas e de lá ligou para os pais, tranquilizando-os. Não disse onde estava porque certamente o fariam voltar, e queria evitar questionamentos e explicações que causariam apenas opiniões precipitadas. Depois, telefonou para a chácara e

ninguém atendeu. Decidiu que seria melhor dormir. Acordaria cedo e faria plantão diante do portão da chácara.

○○○○

O barulho da forte chuva que começou a cair de manhã bem cedo acordou Marcos. Minutos depois, a chuva diminuiu, mas quando ele chegou na estrada para a chácara, viu quanta lama ela produzira. Ele pensou por um momento se colocava ou não o carro para andar sobre tanto barro e decidiu que sim, pois estava ali para fazer tudo o que pudesse para reconciliar-se com Fabíola. Alguns metros à frente, tornou-se impossível continuar dirigindo naquelas condições. O carro começou a patinar até o ponto de não

9

mais sair do lugar. Ele colocou a cabeça para fora e exclamou um *ai, meu Deus!* – percebendo que, se quisesse continuar, teria de ser a pé e debaixo de chuva. E foi o que ele fez.

A chuva que se transformara numa garoa insistente começou a penetrar por suas roupas e ele sentiu frio intenso. Mas encarou. Quando tocou a campainha, foi atendido por Valter, tio de Fabíola, que o reconheceu na mesma hora. — Rapaz, você precisa se aquecer – falou, após cumprimentá-lo. O fez entrar e, na varanda, deu-lhe uma jaqueta para vestir.

—Fabíola ainda está aqui?

—Sim, está. Mas não sei se quer vê-lo. Apesar de ainda amar você, ela está bastante convencida de que tudo terminou. Se não for para você entendê-la e respeitar uma resposta que talvez não o agrade, prefiro evitar o encontro e também mais sofrimento – Valter falou conduzindo-o ao interior da enorme casa.

—Eu a amo e entenderei seja qual for a posição que ela tome; contudo, creio que nos reconciliaremos sem problemas – Valter continuou encarando-o. — O que foi? Fabíola disse alguma coisa que você não está querendo me contar?

—Não. Mas ela viajou para esquecê-lo e está se saindo bem, pelo menos aparentemente. Ela e minha filha irão para o sul hoje à tarde e de lá para a Argentina. Mas vou chamá-la para conversarem.

Fabíola apareceu após um longo tempo e o coração de ambos ficou acelerado. Curiosa e acompanhada da prima, olhou para o tio e depois para Marcos. — O que faz aqui? — ela perguntou.

—Vim para conversarmos...

—Quem lhe deu o endereço? Ah, não, mamãe, não foi? Pedi tanto a ela que não fizesse isso!

—Foi seu pai.

—Papai? — ela se surpreendeu.

—Ele disse à sua mãe para que me passasse o endereço... — ele contou. — Podemos conversar?

—Você está horrível, Marcos — Fabíola olhou-o da cabeça aos pés, surpresa, porque nunca imaginou que algum dia veria o ex-noivo naquela situação. — Já que está aqui, tome um banho. Depois, se quiser, pode ir embora. Se não for, irei eu. Não temos o que conversar e preciso me arrumar, pois viajarei essa tarde — Fabíola deu as costas para Marcos e saiu. A prima correu atrás dela.

—Tem certeza de que não quer conversar agora? — ele perguntou.

—Tenho — ela respondeu de longe.

—Mas eu quero. Tenho muito para lhe falar.

—Ah, sim — Fabíola ironizou. — E você acha que já superou o preconceito que tem em relação a uma pessoa com o meu passado?

—Por que voltar a falar disso, Fabíola? — Valter interveio querendo evitar mais sofrimento à sobrinha.

—Eu não sou preconceituoso — Marcos defendeu-se.

—Não foi isso que suas atitudes disseram pouco tempo atrás — disparou Fabíola.

—E a minha atitude hoje não conta?

—Você não respondeu à minha pergunta.

—Fabíola, não estou aqui para brigar, discutir ou provar quem tem ou não razão. Quero conversar e esquecer o que aconteceu. Seria possível?

—Eu estava disposta a conversar quando fui com mamãe até sua casa e você me deu as costas.

—Peço perdão por ter agido daquela forma — Marcos deu um passo para Fabíola.

—Ainda não me respondeu — ela falou sem se mover.

—Quer saber se superei meu preconceito? — ele perguntou e Fabíola o encarou. — A resposta é *não* — Valter e Fabíola se entreolharam. — Não superei porque não tenho o que superar. Não sou preconceituoso, apenas tenho princípios e por causa dos meus princípios foi que agi daquela forma.

Valter e a filha se retiraram discretamente.

—Não sabia que seus princípios o impedem de raciocinar e que também anulam as respostas que diz receber de Deus — Fabíola desdenhou dele.

—Você quer me responsabilizar por um preconceito que não me pertence, Fabíola. O preconceito do qual você me acusa, é exclusivamente seu. Aliás, seu e de sua família.

—Não coloque minha família...

—Sim, sua família é preconceituosa — Marcos deu mais um passo na direção dela.

—São vocês que escondem o seu passado de todo mundo, fazem dele um segredo que levam às últimas consequências como fizeram comigo, e depois, querem ser compreendidos num instante. Se existe alguém aqui que ainda não superou preconceito algum pelo seu passado, esse alguém é você, e inclua sua família nesse pacote — Marcos recuou um pouco e continuou. — Dizem que Deus fez um milagre em sua vida, mas têm vergonha de assumir isso em público e compartilhar o milagre, através do qual, Deus deveria ser glorificado. Eu estou aqui por amor. Amo você, Fabíola, e por esse amor, deixo meus princípios e até minha

reputação, porque o que importa para mim é a mulher temente a Deus na qual você se transformou. Repito: eu te amo, e é uma pena você não esteja pronta. Quando superar seu preconceito contra si própria, talvez possamos conversar.

—Nunca! – Fabíola quase gritou e saiu da sala em seguida.

—Você foi muito bem. Disse tudo o que eu sempre pensei e nunca falei para não magoar ninguém – Valter falou quando Marcos olhou para ele tristemente.

—Mas não surtiu efeito – reclamou o rapaz.

—Ainda não. Conheço minha sobrinha. Ela vai pensar no que você disse. Se não reatarem, suas palavras a ajudarão a vencer seus próprios medos – Valter colocou um braço sobre os ombros de Marcos que prometeu não desistir de lutar pelo amor de Fabíola.

∞∞∞∞

Ele estava em Goiânia, no Encontro Internacional de Adoradores, num sábado à tarde. E estava feliz. Muitos jovens aguardavam para ouvi-lo, e, com aquela exposição, seu ministério teria mais visibilidade e novas portas se abririam. Como sempre acontecia, inevitavelmente, pensou em Fabíola.

Entristecia-se por não ter se casado com ela. Não a via há meses e sentia muita saudade. Ela o ignorava ao celular e o excluía de suas redes sociais.

Marcos olhou a multidão e lembrou-se do sonho que tivera dias antes, no qual ele e Fabíola dirigiam-se para uma grande multidão. Abaixou a cabeça e pigarreou, quando a saudade pareceu querer tornar-se uma dor física.

Logo chegou o momento da palestra e ele falou sobre gratidão a Deus por Sua bondade e Seu amor.

— Sem a bondade de Deus, não teríamos chance diante das adversidades. Somos

tão pequenos e impotentes que se nos faltar o ar por mais de um minuto, nos tornamos pó. Mas ele nos ama e cuida de nós sempre! Ao final, concluiu dizendo: — *Rendei graças ao Senhor e fazei conhecidos os seus feitos entre os povos!*

Quando se voltou para entregar o microfone ao responsável pelo evento, quase caiu para trás. Fabíola estava bem ali, perto dele, no palco. Ela tinha um microfone na mão direita e estava linda. Usava um vestido branco e sapatos pretos. Os cabelos soltos estavam modelados diferentes das outras vezes que ele a vira.

Fabíola dirigiu-se mais à frente e cumprimentou a multidão. Após apresentar-se, falou: — Fui noiva deste homem que acabou de pregar, o evangelista Marcos e estou aqui para contar os feitos do Senhor na minha vida.

O relato foi um pouco mais demorado do que no dia em que Marcos o ouvira. Fazendo-se entender perfeitamente, Fabíola detalhou seu envolvimento com as drogas e o triste relacionamento que a levava ao fundo do poço. Contou, também, como o noivado terminara e como Marcos procurara a reconciliação.

— Hoje estou aqui por amor, como o próprio Marcos disse em nossa última conversa. Primeiro, por amor a Deus, que merece ser glorificado pelo milagre que fez em minha vida e na vida da minha família. Segundo, porque, meses se passaram e meu sentimento por Marcos não diminuiu nem um pouco. Ele me ajudou a vencer os preconceitos que eu tinha contra mim mesma e sei que meu testemunho pode ajudar muitas vidas. Marcos é um temente a de Deus – Fabíola virou-se para ele. — Eu te amo, Marcos! E se você ainda quiser, serei sua esposa e juntos proclamaremos as maravilhas e os feitos do nosso Deus por onde passarmos.

Marcos chorava. Cantores, ministros e pastores sorriam felizes pela sua vitória. Caminhou para Fabíola e abraçou-a. Depois, pegou o microfone e respondeu para que

todos ouvissem: — Sim. Eu ainda te amo e quero seguir meu caminho com você — a multidão aplaudiu. Ele a pegou pela mão e saíram do palco.

Encontraram suas famílias no camarim, unidas, felizes pela reconciliação. Marcos ficou de frente para Fabíola e, após sorrir para ela, beijou-a ali mesmo. Em seguida, Fabíola e Marcos receberam a oração dos

pais que confirmavam a bênção do amor sobre aquele casal.

—————
Hêzaro Viana é escritor. Autor dos livros *Amar pra Sempre* (romance, livro um da trilogia *No Mar da Vida*); [Contos de Amor Sem Fim](#) (de onde extraiu-se o presente conto); e *O Segredo de Camilo* (romance, no prelo). Mantém o blog <http://delivroeuentendo.blogspot.com.br>

Resenhas



LIVRO / *Contos Reunidos* - Margarete Solange Moraes

Margarete é senhora da palavra. Domina com segurança e liberdade a arte de narrar, transitando por contos, romances e poesia. Neste *Contos Reunidos* (Sarau de Letras, 2014 - 312 páginas) a autora reúne o melhor de sua produção de contista: 45 contos que são um festejo de sentimentos, fazendo o leitor ir do riso ao choro, da surpresa ao susto, da indignação ao prazer com o fluir das páginas. O prosaico, o corriqueiro, o cotidiano de todos nós transforma-se em aprazível literatura. Já disse a autora, em texto basilar, seminal, que vale a pena reproduzir na íntegra: “Nos limites da imaginação e da mão daquele que cria, tudo se aproveita, nada se extravia. Na vida e na morte, no riso e no pranto, com uma pitada de sal, aumentos e descontos, temperam-se os pontos que se transformam em contos. Tudo se recria: fatos reais, sobrenaturais, o enredo que se lê e o incidente que se conta; o provável e o possível. Aquilo que foi ou mesmo coisa que jamais aconteceu convencem como verdades, especialmente se narrados pelo ‘eu’. Seja felicidade, tédio ou amargura, para um escritor, nada se perde, tudo se transforma em literatura.”

- S.R.



LIVRO / *Como quem ia para longe* - J.T. Parreira

Ao longo dos dezenove contos que compõem o livro, o dito e o não dito interpenetram-se, como é de praxe na grande literatura. A eficácia da expressão concisa, do hábil buril que extrai o máximo da palavra, e que o poeta alcança em sua produção poética, temos aqui fidedignamente reproduzida em prosa: contos curtos, que sustentam com segurança e maestria a tensão narrativa, envolvendo o leitor em seu jogo de construção/desconstrução das personagens bíblicas. Um pequeno volume (66 págs.) de formidável literatura, tão superior a muito do que se vê hoje sendo comercializado nas livrarias, e aqui graciosamente ofertado pelo autor, neste e-book gratuito. Livro que já nasce imprescindível, dentro da infelizmente paupérrima seara da ficção evangélica, em seu gênero conto. Leia online ou baixe o livro [AQUI](#).

- S.R.

PARLATORIUM

“É curiosa a sorte do escritor. No início é **barroco**, vaidosamente barroco, e depois de alguns anos pode conseguir, se os astros forem favoráveis, não a **simplicidade**, que não é **nada**, mas a modesta e secreta **complexidade**.”

Jorge Luis Borges

“É tão absurdo dizer que um homem não pode amar a **mesma** mulher toda a **vida**, quanto dizer que um **violinista** precisa de diversos **violinos** para tocar a **mesma música**.” – *Honoré de Balzac*

“Um quebrador de pedras, humilde e honesto, vale mais que um escritor premiado em concursos, mas cuja obra corrompe as almas.”

J. Vieujean

“A poesia revela este mundo: cria outro. A poesia é uma leitura do mundo real e uma criação de um outro mundo, cuja descoberta ocorre na interação texto/leitor/contexto”. A poesia também é coisa mas é muito pouca coisa: está feita de palavras, uma lufada de ar que não ocupa lugar no espaço. Ao contrário do quadro, o poema não mostra imagens, nem figuras: é um conjuro verbal que provoca no leitor, ou no ouvinte, um fornecedor de imagens mentais. A poesia se ouve com os ouvidos mas se vê com o entendimento. Suas imagens são criaturas anfíbias: são ideias e são formas, são sons e são silêncio. A poesia é fome de realidade.” - *Octavio Paz*

“Não há mentira pior do que uma verdade mal compreendida por aqueles que a ouvem.”

Henry James

“O papel de um escritor não é dizer aquilo que todos somos capazes de dizer, mas sim aquilo que não somos capazes de dizer.” - *Anaïs Nin*

“A poesia é uma arma carregada com o futuro”.

Gabriel Cesaya

“Os bons escritores são aqueles que mantêm a linguagem eficiente. Quer dizer, que mantêm a sua precisão, a sua clareza. Não importa se o bom escritor quer ser útil ou se o mau escritor quer fazer o mal. A linguagem é o principal meio de **comunicação** humana. Se o sistema nervoso de um animal não transmite sensações e estímulos, o animal se atrofia. Se a literatura de uma nação entra em declínio a nação se atrofia e decai.

O legislador não pode legislar para o bem público, o comandante não pode comandar, o povo (se se trata de um país democrático) não poderia instruir os seus representantes a não ser através da **linguagem**.”

Ezra Pound

“A Poesia é um esfoliante natural para os corações empedernidos.”

- *Sammis Reachers*